

Família Missionária Verbum Dei
Caderno de Oração Quaresma/Páscoa 2017

Entregar para Viver



«Renovai a face da terra»
SI 104, 30

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Amália Vieira
Joana Galvão Teles
José Lopes
Leonor Balcão Reis

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Entregar para Viver

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Quaresma
8	1 Março - Quarta-feira de Cinzas
12	5 Março - Domingo I da Quaresma
19	12 Março - Domingo II da Quaresma
23	19 Março - Domingo III da Quaresma
29	26 Março - Domingo IV da Quaresma
34	2 Abril - Domingo V da Quaresma
	PARTE II Semana Santa e Páscoa
40	9 Abril - Domingo de Ramos
44	13 Abril - Quinta-feira Santa
48	14 Abril - Sexta-feira Santa
52	15 Abril - Vigília Pascal
58	16 Abril - Páscoa
62	Domingos da Páscoa
67	4 Junho - Pentecostes
	PARTE III
74	Introdução
75	Misericórdia et Misera - Carta Apostólica do Papa Francisco (excertos)
78	Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2017 (excertos)
79	Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa no Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima (excertos)
81	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

Entregarmo-nos para Viver

Tinham-me convidado para participar numa mesa redonda para alunos de Formação Profissional, de 17 a 30 e tal anos. Seríamos seis a debater, estava enquadrada no âmbito de uma semana vocacional do colégio e o lema era “Perder a vida”. Claro que aceitei participar, mas senti um certo medo de como perspetivar o que tinha a dizer, para que resultasse atraente e, ao mesmo tempo, lhes tocasse o coração, para que quisessem pensar em como deveriam aplicar a sua vida.

Evidentemente, a exposição não podia ter um tom negativo, falar de perder, de gastar, de deixar... o que poderia ser tão negativo que, desde logo, se remetessem à defensiva e se fechassem às minhas propostas.

Ontem, foi o dia da mesa redonda. Havia refletido, tinha as minhas ideias. Entrámos no salão, 240 alunos, 480 olhos fixos em mim. Tive sorte, não fui a primeira a falar e, pouco a pouco, fui-me acalmando e percebendo que a situação era melhor do que esperava, os alunos estavam muito atentos e interessados, ter gente assim era uma sorte, e creio que todos nós decidimos aproveitá-la e incitá-los a viver a sua VIDA.

As outras cinco experiências foram uma delícia: um pai de acolhimento que quase nos fez chorar, quando se lhe embargou a voz, recordando como teve de entregar para adoção uma menina que haviam tido durante 2 anos em casa e que permanecia ainda, certamente, no seu coração; perdia-a, mas sabia que a menina ganhava uma família, uns papás para toda a vida. O resumo era um só: “perder para ganhar”.

Outro orador, um empresário que havia utilizado dias das suas férias para pôr em marcha um projeto no Benim (África).

Conseguira, em pouco tempo, iniciar uma aula de eletricidade, como princípio de uma futura escola de formação. Ao despedir-se dos seus alunos, estes agradeceram-lhe, não tanto o que haviam aprendido, mas sobretudo que tivesse estado a seu lado. Tinham comido e dormido (ou, antes, mal comido e mal dormido) juntos. Na sua despedida, também riram e choraram juntos e abraçaram-se com um “até logo” e um “hei de voltar”. No fim, todos ganharam.

Uma jovem religiosa, deixou-nos muito tocados, ao explicar o seu trabalho com os sem abrigo, que, nestes dias de tanto frio, iam passando especialmente mal. Todas as noites, em vez de descansarem, aconchegados sob os seus edredons, ela e um grupo de universitários vão, de canto em canto, procurando vultos de pessoas, debaixo de cartões... segundo diz, dão-lhes pouco, uma coisita quente, mas sentam-se e ouvem a sua vida, as suas histórias reais; são as mesmas que se veem na televisão, mas estas parecem-lhes mais verdadeiras; e todos culminam na sensação de que uma noite perdida lhes ensinou que, a qualquer momento, circunstâncias e opções equivocadas os podiam conduzir a situações não desejadas. Uma noite perdida e um sentido de vida ganho!

Teve grande impacto o testemunho de Nacho, pai de família, psicólogo, 30 anos, diretor de prisões e, agora, voluntário nos cuidados a doentes terminais. Que sabedoria tão prática, que concretização do Evangelho, que entrega tão consciente e que alegria de crer que o que fez, o que está a fazer, não é uma renúncia, antes o que o faz plenamente feliz! O que logo se nota nele e não dissimula! De uma ponta à outra, a sua vida fala de um lutador e não dum perdedor.

O último orador, diretor de uma escola, cansado de fazer muito trabalho burocrático e de escritório, prescinde de tempo de sono para falar com os miúdos, e, graças a essa mão que estende, tem

olheiras e rugas na cara, mas sentimentos no coração. Acumulou cansaço, mas diz que vale muito a pena, porque, proporcionalmente, ganhou a satisfação de ajudar a miudagem a ter um sentido na sua vida.

Eu partilhei a minha experiência missionária. Depois de quarenta anos, recordando vivências, mereceu bem a pena e o resultado foi a felicidade multiplicada por muito.

Tudo isto que vos conto tem a ver com a introdução deste caderno. Tudo tem a ver com tudo. A Quaresma é um caminho de renúncia, sacrifício... para encontrar ganho, para receber recompensa, para abrir o coração e acolher a vida ressuscitada. A Quaresma e a Semana Santa, não são um fim, são etapas dum caminho para chegar ao fim, à Ressurreição. Nem a Quaresma, nem a Semana Santa, com toda a sua carga de morte, têm a última palavra, porque a recompensa é A VIDA.

E, agora, só me resta dizer-vos que mediteis nas seguintes citações e que as vivamos como caminho quaresmal, dirigindo-nos à Pascoa

- *“O que perder a sua vida ganhá-la-á”* Mc 8,35.

- *“Há mais alegria em dar que em receber”* Ac 20,35.

- *“A vida que se entrega gera vida”*.

- *“O que não se dá perde-se”*.

- *“O grão de trigo que cai na terra e morre dá muito fruto”* Jo 12, 24.

- *“Estamos destinados a dar fruto e um fruto que permaneça”* Jo 15,16.

parte I

Quaresma

Conversão, caminho para a eternidade

Jl 2,12-18 «É em nome de Cristo, portanto, que exercemos as funções de embaixadores e é

Sl 50 (51) Deus quem, por nosso intermédio, vos exorta. Em nome de Cristo suplicamo-vos:

2 Cor 5,20–6,2 reconciliai-vos com Deus.

Mt 6,1-6.16-18 Aquele que não havia conhecido o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nos tornássemos, nele, justiça de Deus.

E como seus colaboradores, exortamo-vos a não receber em vão a graça de Deus.

Pois Ele diz:

No tempo favorável, ouvi-te
e, no dia da salvação, vim em teu auxílio.

É este o tempo favorável, é este o dia da salvação.» (2 Cor 5, 20 – 6, 2)



Senhor, hoje convidas-me a mudar estilos, atitudes, hábitos...

Se tudo começa numa transformação mais profunda de coração onde desejas habitar, não é menos verdade que esta transformação não se basta... Quando o coração muda e se deixa transformar por Ti, a vida muda! O invisível emerge e torna-se visível, ativo, fermento!

Nesta quarta-feira, especial para os cristãos, tornamos este desejo de conversão visível pelas cinzas que nos são colocadas pelo outro... E é, efetivamente, na relação com o outro que a minha conversão se pode dar...

Na sua 2ª carta aos Coríntios, Paulo partilha algo que me toca profundamente: em tom de súplica, pede que nos reconciliemos com Deus! Compreendo a carga emotiva de Paulo. É que, de facto, ter Deus como amigo e companheiro de caminho é tão salvífico que faz com que se deseje que os outros também vivam deste modo... Quantas e quantas vezes olhamos à volta, escutamos as notícias que se passam no Mundo e nos sentimos confusos, sem esperança, ou, até mesmo, assustados com o caos interior e exterior instalado no ser humano e na sociedade contemporânea? Experimentamos perdidos...

De facto, só quando me experimento distraído e alheado é que não valorizo devidamente o que é ter Deus na minha vida, o carisma Verbum Dei que me faz viver a minha fé de forma integrada no meu modo ser, o fazer parte desta Igreja que vai dando passos de encontro à Humanidade ao invés de permanecer numa atitude marcada pela intransigência e altivez...

É que Deus fez-se pequenino, pobre, desprotegido! Deus converteu-Se, assim, naquilo que muitas vezes eu penso serem os Seus lugares opostos... Reconhecer Deus na força imensa das ondas

do mar, na beleza e dimensão infinita de um céu estrelado é-me bem mais simples... Agora no finito, pequeno, pobre e frágil... Possivelmente, ser digno de receber a Sua graça passa, primeiramente, por converter a minha imagem de Deus e deixar que seja Jesus a redesenhá-la continuamente...

Hoje é dia de salvação! Deus Pai deseja-me convertido para que me salve e seja instrumento de conversão e salvação no Mundo! Tranquiliza-me que Deus me aceite como sou, pecador, com muitas falhas, não deixando, no entanto, de ser para mim um exercício de humildade e experiência mergulhar nas profundezas do Seu amor!

Experimentar a conversão não me traz a perfeição! Faz-me amar mais e melhor! Faz-me aproximar da eternidade que é o Seu amor! Deixemo-nos ficar e experimentemos a Sua paz!



*Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura;*

*Conheço agora já quão vã figura,
Em prosa e verso fez meu louco intento:
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura.*

*Eu me arrependo; a língua quasi fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:*

*Outro Aretino fui... a santidade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!.*

(Bocage, in 'Rimas')

Renovai os desertos da terra!

- Gn 2,7-9;3,1-7 «Naquele tempo, Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto, a fim de ser tentado pelo Demónio. Jejuou quarenta dias e quarenta noites e, por fim, sentiu fome. O
- Sl 50 (51) Tentador aproximou-se dele e disse-lhe: “Se és filho de Deus, diz a estas pedras que se transformem em pães”. Mas Jesus respondeu-lhe: “Está escrito: ‘Nem só de pão vive o
- Rm 5,12-19
- Mt 4,1-11

homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus’.” O Demónio levou-o então consigo à Cidade Santa, colocou-o no cimo do Templo e disse-lhe: “Se és filho de Deus, atira-te lá para baixo. Pois está escrito: ‘Deus dará instruções aos seus anjos a respeito de ti, e eles hão de levar-te nas mãos, não vás bater com o pé nalguma pedra’.” Respondeu-lhe Jesus: “Também está escrito: ‘Não tentarás o Senhor, teu Deus’.”

De novo, o Demónio levou-o consigo a um monte muitíssimo alto; mostrou-lhe todos os reinos do mundo com a sua glória e disse-lhe: “Dar-te-ei tudo isto, se te prostrares e me adorares”. Replicou-lhe então Jesus: “Retira-te, Satanás, pois está escrito: ‘Ao Senhor, teu Deus, é que hás de adorar, só a ele prestarás culto’.” Então o Demónio deixou-o. E logo se aproximaram anjos, que serviram Jesus.» (Mt 4,1-11)



omeço estas pistas com uma frase do Papa Francisco:

“Quantos desertos tem o ser humano de atravessar ainda hoje! Sobretudo o deserto que existe dentro dele, quando falta o amor a Deus e ao próximo, quando falta a consciência de ser guardião de tudo o que o Criador nos deu e continua a dar.”

Felizmente, a Quaresma oferece-nos a oportunidade de nos voltarmos para Deus, com todo o nosso ser, e de podermos experimentar até onde vai a misericórdia e o amor de Deus... Onde abunda o pecado, superabunda a graça!

No Evangelho de hoje, tomemos atenção ao percurso de Jesus...

Jesus, és conduzido pelo Espírito, neste caso, ao deserto. E deixas-te conduzir para onde te leva... E vives plenamente esse período da tua vida... Adorando e Confiando... Como?

Entretanto, vêm as tentações, muitas vezes camufladas de boas intenções... Nem sempre é simples distinguir o bom e o mau caminho! Ainda por cima, no deserto é fácil perdermos a orientação, os pontos de referência...

Como te orientas, Jesus? Como manténs o teu norte?

A tua resposta é sempre *“Está escrito...”*. Vais buscar a tua força, o teu sentido a Deus, à Palavra que tem para a Tua vida.

Deixa-nos olhar para ti e aprender a fazer o mesmo – a ter viva em cada um de nós a presença de Deus, através da Palavra. E isso faz consolidar e experimentar vivencialmente a nossa identidade mais profunda: somos filhos amados, incondicionalmente, por um Pai que é Amor, Verdade, Confiança, Esperança, Paz..., pelo Deus da Ressurreição.

Assim, é possível renovar os nossos desertos!... Os desertos da terra!...



Quando rezo as tentações de Jesus no deserto, não podia deixar de partilhar alguns excertos de um texto que me tem acompanhado “Renova-me pelo teu amor!” do livro de Henry Nouwen, “Acompanhamento Espiritual”:

A afirmação suprema

As palavras de Deus “És o meu Amado” revelam a verdade mais íntima inerente a todos os seres humanos, quer pertençam a uma tradição religiosa ou não. Duvidar desta verdade fundamental sobre a nossa essência e crer em identidades alternativas é a derradeira tentação espiritual.

Por vezes a nossa resposta à pergunta “Quem sou eu?” é: “Sou o que faço”. Quando faço coisas boas e alcanço algum sucesso na vida, sinto-me bem comigo mesmo. Mas quando falho, começo a ficar deprimido.

Ou podemos dizer “Sou o que os outros dizem de mim”. O que os outros dizem de si tem muita força. Quando as pessoas falam bem de si, pode andar aí de cabeça erguida. Mas quando alguém começa a dizer coisas menos boas sobre si, é provável que se sinta triste. Porque há de deixar que o que os outros dizem de si – seja bom ou mau determine aquilo que é?

Também podemos dizer: “Sou aquilo que tenho”. Se perco alguma das minhas coisas, posso resvalar para a escuridão interior.

Quanta da nossa energia despendemos a definirmo-nos como “Sou aquilo que faço”, “Sou aquilo que os outros dizem de mim” ou “Sou aquilo que tenho”? Quando é assim, a vida normalmente segue um padrão repetitivo de altos e baixos. Esta abordagem da vida em ziguezague está errada. Você não se define pelo que faz, nem pelo que os outros dizem de si nem tão pouco pelo que possui. “Você é o Amado de Deus!” Estas palavras são ditas com toda a ternura e força próprias de amor. Não é realmente fácil ouvir essa voz num mundo cheio de vozes que gritam “Não prestas; és feio; não vales nada; não és ninguém enquanto não conseguires provar o contrário”.

A tentação de duvidarmos de quem realmente somos

As tentações de Jesus no deserto destinam-se a desviá-lo dessa identidade central. Ele foi tentado a crer que era outra pessoa “que pode transformar pedras em pão, saltar do templo, fazer os outros curvarem-se perante o seu poder”. Jesus contrapôs: “Não, não, não. Sou o Amado de Deus”.

Na vida, a grande armadilha não é o sucesso, a popularidade ou o poder, mas a autorrejeição, o duvidar de quem realmente somos.

Consegue identificar em si a tentação da autorrejeição, quer se manifeste em arrogância ou numa baixa autoestima?

Sermos muito amados expressa a verdade fundamental da nossa existência. Somos amados enquanto criaturas com limitações e glórias.

A tentação da compulsão

A par da tentação de duvidar de quem realmente somos está a tentação da compulsão. Não estará à espera que uma pessoa ou uma coisa ou um acontecimento apareça para proporcionar aquela sensação de bem-estar interior que tanto deseja? Não espera, tantas vezes, que um livro, uma ideia, um curso, uma viagem, um trabalho, um país ou uma relação satisfaçam o seu desejo mais profundo? Mas enquanto espera por esse momento misterioso, vai andando às voltas, sempre ansioso e desassossegado, ávido e irritado, nunca inteiramente satisfeito.

No entanto, nenhum de nós tem necessidade de se exaurir. Somos os Amados. Somos profundamente amados, muito antes dos nossos pais, professores, esposos, filhos e amigos nos amarem ou nos ferirem. É essa a verdade das nossas vidas.

Convite a regressar

Ser o Amado é a origem e a consumação da vida do Espírito.

Tornarmo-nos o Amado é a grande viagem espiritual que temos que fazer.

Tornarmo-nos o Amado significa deixar que a consciência desta verdade de que somos amados se torne inerente a tudo o que pensamos, dizemos e fazemos. Pressupõe um longo e doloroso processo de apropriação, ou melhor, de encarnação. E este processo requer a prática regular da oração.

A disciplina da oração

Sempre que escutar atentamente a voz que o chama Amado, descobrirá dentro de si um desejo de a ouvir durante mais tempo e com mais profundidade. É como encontrar um poço no deserto.

Orar é escutar essa voz, a voz de quem nos chama o Amado.

A disciplina da oração é estar constantemente a afirmar a verdade de quem somos. A minha vida está enraizada na minha identidade espiritual. Temos de voltar regularmente ao nosso amor primordial, à nossa identidade central.

Orar é escutar com obediência – escutar com cuidadosa atenção. Jesus escuta obedientemente o Pai; Ele escuta constantemente a afirmação do Pai. Orar não implica ter sentimentos amorosos ou gentis quando ouvimos a voz de Deus. Umas vezes isso acontece, outras não.

Orar é uma disciplina. Não podemos ter o nosso tempo e espaço sempre tão ocupados que não haja forma de se dar esse encontro. Então, precisamos de fazer seriamente esse esforço de dizer: “este é o momento para estar com Deus”, quer gostemos quer não, quer nos apeteça ou agrade quer não. Voltar ao momento e lugar de solidão com Deus e afirmar quem somos.

Se sou o Amado de Deus, como posso reclamar o meu ser amado? Começo por repetir diariamente as mesmas palavras que Jesus ouviu no seu batismo, pois elas são também dirigidas a cada um de nós: “És o meu Amado. Em ti pus todo o meu agrado”.

Passe alguns minutos, todos os dias, em oração, meditando no imenso amor de Deus.

Quantos desertos?

*Quantos desertos teremos de andar
Para chegarmos ao mar?
E quantos mares vamos navegar
Sem descobrirmos o céu?
Em quantos céus temos de procurar
Um lugar para descansar?
Amigos, só Cristo nos pode responder
E dar-nos para sempre a paz!
Por quantas nuvens temos de passar
Para chegarmos ao sol?
E quantos sois temos de conquistar
Antes de vermos a luz?
Mas quantas luzes temos de seguir
Para encontrarmos a Deus?*

*Amigos, só Cristo nos pode responder
E dar-nos para sempre a paz!
Quantos combates temos de travar
Para podermos vencer?
Quantas vitórias temos de ganhar
Para sabermos cair?
E quantas quedas temos de dar
Para chegarmos ao fim?*

(adaptado de Bob Dylan)

Orar e Descer à Terra!

Gn 12,1-4 «Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro,

Sl 32 (33) Tiago e João seu irmão e levou-os, em particular, a um alto monte e transfigurou Se diante deles: o seu rosto ficou resplandecente

2 Tm 1,8b-10 como o sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E apareceram Moisés e

Mt 17,1-9 Elias a falar com Ele. Pedro disse a Jesus: “Senhor, como é bom estarmos aqui! Se quiseres, farei aqui três tendas: uma para Ti,

outra para Moisés e outra para Elias”. Ainda ele falava, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra e da nuvem uma voz dizia: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai-O”. Ao ouvirem estas palavras, os discípulos caíram de rosto por terra e assustaram-se muito. Então Jesus aproximou-se e, tocando-os, disse: “Levantai-vos e não temais”. Erguendo os olhos, eles não viram mais ninguém, senão Jesus. Ao descerem do monte, Jesus deu-lhes esta ordem: “Não conteis a ninguém esta visão, até o Filho do homem ressuscitar dos mortos”.» (Mt 17,1-9)

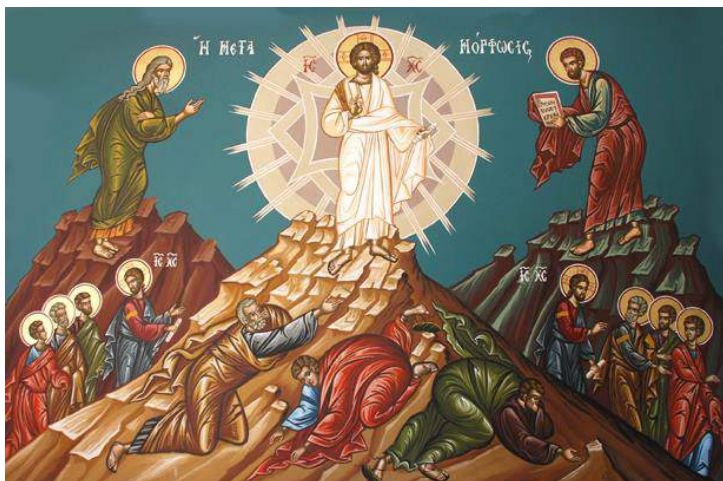
Rezo estas pistas numa altura particularmente difícil da minha vida pessoal. Tenho sentido que tudo à minha volta está cheio de dificuldades, que as portas se fecham, que não há opções. Esta leitura ajudou-me a recentrar alguns pontos-chave: perspectiva de passado e presente, interioridade da oração e o descer à terra. Pode ser coincidência ou uma pequena chamada de Deus, mas parece que esta leitura apareceu no momento certo, um alento numa altura especial. Deus é tão bom em tocar-nos quando nos sentimos mais sós!

O primeiro ponto prende-se com a alegria dos discípulos escolhidos quando sobem ao monte. O subir ao monte tem um significado bíblico de entrar em oração, de sair na nossa rotina, do nosso mundo e, de certa forma, nos aproximarmos de Deus. É assim com Abrão que é chamado a subir ao monte para sacrificar o seu filho Isaac (Gn 22,2), com Moisés para lhe serem entregues as tábuas sagradas (Ex 34) e finalmente com Jesus nesta leitura. A reação dos discípulos ao subirem ao monte é a de se sentirem excecionalmente bem: «*Pedro disse a Jesus: “Senhor, como é bom estarmos aqui!”*» (Mt 17, 4). O contacto com Deus tem este condão de nos fazer sentir quem realmente somos, de tomarmos consciência da nossa natureza, de desabrochar a semente de Deus que temos no nosso coração. No tempo das solitudes, em que quando estamos sós temos um primeiro impulso de olhar para o telemóvel, ver os últimos *updates*, ver a *to do list* sem fim, o afastarmo-nos para a montanha, sem mais nada é um luxo que raramente criamos condições para o ter. Muitos procuram um SPA, o desporto ou outro escape.

Para o Cristão, sem prejuízo dos pontos anteriores, o alento que sacia provém deste isolamento onde o divino nos toca e reconforta: Como é bom estarmos aqui. Como é bom rezarmos no silêncio do nosso quarto, de mãos dadas em família, de chegarmos a Vale de Lobos e nos ajoelharmos na capela. É um lugar onde deposito

muitas vezes a minha falta de esperança, onde entrego as minhas inquietações. Pedro, Tiago e João experimentam-no de forma intensa no contacto com Jesus, Moisés e Elias. Estas duas últimas figuras chave do antigo testamento recordam-nos que não estamos sós, tal como Jesus não o estava. A história da aliança entre Deus e o seu povo começa muito antes. Temos uma história de cinco mil anos que atesta as razões da nossa esperança. Há um passado de confiança em Deus que é sempre recompensado pela sua promessa de estar sempre connosco. Nesta fase da minha vida procuro olhar para trás e descobrir que também eu devo ter confiança no futuro. O convite de Pedro para fazer três tendas, para acampar naquele lugar, não recebe qualquer resposta.

A missão de Jesus e dos seus apóstolos não era ainda na plenitude do Pai, havia ainda um longo e tortuoso caminho a ser percorrido. Jesus convida-nos a entrar em oração, mas lembra-nos de que a nossa missão continua a ser na Terra, no nosso quotidiano cheio de dificuldades. O subir à montanha serve para recebermos a nossa interioridade, mas a oração é vivida em contacto com uma realidade. Os três discípulos subiram à montanha para depois descerem ao mundo.



Fracasso

A nada favorece a mentalidade mundana que pretende que se tenha sempre e só sucesso, reconhecimento, quase uma imparável ascensão! Na vida há também o fracasso, a queda, e quem chega a dizer que errou tudo deve ser escutado em silêncio e não ser consolado com palavras baratas. S. Bernardo chegará a excluir: «Ó feliz, desejável fragilidade, repleta do poder de Cristo, que me permite não só ser frágil, mas também fracassar inteiramente por mim próprio, para ser tornado firme pelo poder do Senhor dos poderes. "O seu poder, com efeito, manifesta-se plenamente na minha debilidade"».

Verdadeiramente, a força de Deus encontra a sua medida na medida da nossa fragilidade. Mas aqui estamos já para além do fracasso, como Paulo, que chega a dizer: «Quando sou fraco, é então que sou forte». "Naufragium feci, bene navigavi": não se o diz na tempestade, mas quando a tempestade termina e se aporta ao porto desejado ou, como quer que seja, ao cais que nos salvará.

(Enzo Bianchi In "Monastero di Bose", citado de
www.snpcultura.org)

Ser sinal da Luz!

Ex 17,3-7 «Naqueles dias, o povo israelita, atormentado pela sede, começou a altercar com Moisés, dizendo: “Porque nos tiraste do Egipto? Para nos deixares morrer à sede, a nós, aos nossos filhos e aos nossos rebanhos?”. Então Moisés clamou ao Senhor, dizendo: “Que hei-de fazer a este povo? Pouco falta para me apedrejarem”. O Senhor respondeu a Moisés: “Passa para a frente do povo e leva contigo alguns anciãos de Israel. Toma na mão a vara com que fustigaste o Rio e põe-te a caminho. Eu estarei diante de ti, sobre o rochedo, no monte Horeb. Baterás no rochedo e dele sairá água; então o povo poderá beber”. Moisés assim fez à vista dos anciãos de Israel. E chamou àquele lugar Massa e Meriba, por causa da altercação dos filhos de Israel e por terem tentado o Senhor, ao dizerem: “O Senhor está ou não no meio de nós?”.» (Ex 17, 3-7)

«Naquele tempo, chegou Jesus a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, junto da propriedade que Jacob tinha dado a seu filho José, onde estava o poço de Jacob. Jesus, cansado da caminhada, sentou-Se à beira do poço. Era por volta do meio-dia. Veio uma mulher da Samaria para tirar água. Disse-lhe Jesus: “Dá-Me de beber”. Os discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. Respondeu-Lhe a samaritana: “Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber, sendo eu samaritana?”. De facto, os judeus não se dão com os samaritanos. Disse-lhe Jesus: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é Aquele que te diz: ‘Dá-Me de beber’, tu é que Lhe pedirias e Ele te daria água viva”. Respondeu-Lhe a

mulher: “Senhor, Tu nem sequer tens um balde e o poço é fundo: donde Te vem a água viva? Serás Tu maior do que o nosso pai Jacob, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, com os seus filhos e os seus rebanhos?”. Disse-lhe Jesus: “Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede. Mas aquele que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente que jorra para a vida eterna”.» (Jo 4, 5-15.19b-26.39a 40-42)

Eoi-me muito difícil rezar estas pistas. Talvez porque acabei de sair do Natal e já tenho de entrar em sintonia com a Quaresma... Talvez porque a leitura da Samaritana me é tão familiar que não fui capaz de sair de todas as “leituras” que já fiz desta leitura, não sei... Tentar mudar o prisma com que chegamos a uma leitura que nos é familiar nem sempre é fácil... Chegar a Deus, àquilo que Ele nos tem para dizer nem sempre é fácil, porque muitas vezes vamos condicionados pelas nossas próprias palavras, pelos pensamentos... Chegamos com o coração e a cabeça cheios à oração... Deixar Deus entrar na nossa realidade, fazer cair as nossas defesas, ouvir o que o Senhor tem para nos dizer é tão difícil às vezes!

Aquilo que mais me marcou, ao longo destes dias em que tentei rezar, foram duas frases das duas leituras: *“Senhor, Tu nem sequer tens um balde e o poço é fundo: donde Te vem a água viva? (...) Senhor, – suplicou a mulher – dá-me dessa água viva...”* e *“O Senhor está ou não no meio de nós?”*.

Afinal: Deus está ou não está no meio de mim? Está ou não está presente na minha vida?

Desde o Natal, que tenho rezado muito é sobre a conversão: ir mais fundo na fé, na relação com Deus, no compromisso. Sinto que é isso que o Senhor cada vez mais nos pede, me pede. E eu cada vez mais peço é para realmente ser capaz de me comprometer com Ele: um compromisso sério, de coração, transformador.

Nós somos os sinais de Deus no meio do mundo. Tenho consciência disso? O que é que isso implica, no concreto? A minha vida tem de dar sinais concretos da minha fé, ou não? Não posso uns dias ser “carne”, noutros ser “peixe”, conforme me convém. Porque, quando vamos deixando de falar, de fazer, vamos deixando que o egoísmo do mundo nos leve, o “apetece-me e o não me apetece” parece que nos invade, e, quando damos por ela, o nosso compromisso com Deus já está comprometido, a nossa oração já não está no topo das nossas prioridades, a missa pode ser dispensável...

Moisés vive no meio do seu povo, no meio do mundo (no mundo daquele tempo, é certo), com as tentações que existiam na época, mas há pelo menos uma que até é parecida com a nossa: arranjar outros deuses que trouxessem uma salvação rápida, fácil, que resolvessem os problemas da fome e da sede, que trouxessem bem-estar imediato... Mas Moisés foi fiel. Permaneceu. Fez como o Senhor lhe disse. Como posso ser-Te fiel nos dias de hoje, Senhor?

Tanto Moisés como a Samaritana partiram daquilo que eram, assumiram a sua pessoa, as suas fragilidades, as suas limitações perante Deus; e é nessa realidade que se encontram com Deus. E, por isso, o seu encontro com Deus foi tão transformador. Eu nem sempre me assumo como sou perante Deus... Parece que vou deitando mão de alguma “maquilhagem” para melhorar aquilo que eu já determinei que é defeito, que é “menos bom” ou que não gosto em mim, para que Deus nem repare, quando O encontro... E, cada vez que rezo, venho sempre com a mesma certeza: são

precisos sinais de Deus no mundo. HOJE. EM MIM. NA MINHA VIDA.... E nada como a Quaresma para os praticar! É verdade que já vamos a meio da Quaresma, mas vamos realmente baixar os braços? Como posso ser sinal? O que tenho de fazer para que a minha oração seja transformadora? Como posso rezar mais, para que não perca os sinais de Deus? Para que permaneça e continue a ser fiel? Que sinal precisas Tu que eu seja Senhor?... Como posso renovar a face da terra? Houve uma imagem que me tem marcado muito desde o Natal e que me tem acompanhado na oração: a imagem que circulou na net, dos cristãos da Síria que foram à missa do galo, para celebrar o Natal. Arriscaram as suas vidas, para participarem numa missa, numa igreja parcialmente destruída. E esta imagem vem-me à cabeça muitas vezes, porque eles foram sinal! Eles foram fieis e, mesmo no horror, mantiveram a sua fé. Eles renovaram / renovam o mundo à sua maneira, na sua realidade. É verdade que eu não estou na Síria, mas eu vivo no meio de um mundo que também está muito destruído, corrompido, em que o dinheiro e o egoísmo são reis, cada dia mais desigual, que precisa do meu sinal, dos meus braços, da luz que eu possa trazer à minha realidade, às pessoas que se cruzam comigo, à família que estou a construir. Como posso ser sinal de Luz, Senhor?



Se queremos ser “cristãos”, a nossa vida nova tem de começar onde começou a de Jesus: na consciência de sermos pessoalmente amados por Deus. Ultimamente, termos fé (no sentido cristão) é - no fundo - precisamente isto: a certeza de sermos amados (por Deus) tal como somos e tal como estamos. Tudo o mais (os sacramentos, a doutrina, o trabalho na Igreja, a moral, o testemunho cristão no mundo, etc.) nasce daqui.

Quando pensamos numa relação de amor com alguém de quem gostamos muito normalmente vêm-nos à cabeça coisas que essa pessoa nos fez ou nos disse e que nos deixaram encantados... Mas quando pensamos na nossa relação de amor com Deus é normalmente ao contrário: o nosso pensamento vai para o que temos feito ou devemos fazer por Deus (se temos rezado ou não rezado, se temos ido à Missa, se temos sido caridosos, se temos feito ou evitado aquele pecado, etc.). Raramente pensamos no mais essencial: o que Deus tem feito por nós. Quase como se a iniciativa (na nossa relação com Deus) partisse de nós! É o nosso vício voluntarista aplicado à fé. Evidentemente que é muito importante refletirmos sobre o que temos feito ou devemos fazer por Deus. Mas isso vem em segundo lugar. Em primeiro lugar vem a consciência do amor de Deus por nós. (...)

O amor de Deus por nós é um amor prático que nos encaminha e faz crescer. Mas como é que Deus age?

Deus age de uma maneira única e especial. Age de modo diferente de todas as outras ações que conhecemos. Porque age “através de”, ou seja: por mediações. Por exemplo: através de uma pessoa que se cruza connosco, de um livro que nos vem ter às mãos, de um sacramento que recebemos, de um pensamento que temos, etc. E faz tudo isto sem controlar nada nem ninguém. Aliás, se controlasse não seria amor.

Deus pode agir através de coisas extraordinárias e difíceis de explicar, mas habitualmente Deus age através de coisas simples e

fáceis de explicar. O sinal de que Deus agiu não é essa ação ser algo extraordinário e inexplicável, mas ser algo que nos fez crescer na fé, na esperança e na caridade. Todo o verdadeiro crescimento nestas “virtudes teológicas” é um milagre. Se o amor de Deus não fizesse crescer, podia ser inexplicável, mas não seria amor.

Assim, desta maneira, Deus entra discretamente nas nossas vidas, tão discretamente que até parece que não faz nada e que tudo depende só de nós! Mas entra realmente nas nossas vidas, como uma mão invisível que nos conduz para o Bem abrindo portas, dando força, inspirando propósitos e ideais, criando oportunidades, tirando obstáculos do caminho e dando a conhecer Jesus.

A história sagrada da relação de Deus connosco não acontece só nas igrejas, nas casas de retiros e nas peregrinações, mas também por dentro da nossa história “profana”, dos acontecimentos do dia a dia. Deus cria-nos através da vida. Mas se é assim, temos de saber olhar os acontecimentos da nossa vida com outros olhos, com olhos de fé e discernimento. Diante de um acontecimento a pergunta certa é: “Será que Deus, com isto, me está a querer dar alguma graça de crescimento?”. Devemos fazer essa pergunta mesmo diante dos acontecimentos duros porque muitas vezes a ação de Deus não consiste em tirar-nos as dificuldades, mas em fazer-nos crescer com elas.

A nossa vida cristã começa na consciência da sorte que temos por sermos assim amados por um Pai que Se ocupa pessoalmente de cada um de nós. É daqui, desta consciência, que nasce tudo o que nós possamos fazer de bom por Deus, pelos outros e pela nossa salvação.

(Textos para Rezar, Pe Nuno Tovar de Lemos)

O meu amor estará sempre contigo

- 1 Sm 16,1.6-7.10-14 «Ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença. Os seus discípulos perguntaram-lhe, então: “Rabi, quem foi que pecou para este homem ter nascido cego? Ele, ou os seus pais?” Jesus respondeu: “Nem pecou ele, nem os seus pais, mas isto aconteceu para nele se manifestarem as obras de Deus” (...)
- Sl 22 (23)
- Rm 8,8-11
- Jo 11,1-45

Então, perguntaram-lhe: “Como foi que os teus olhos se abriram?” Ele respondeu: “Esse homem, que se chama Jesus, fez lama, ungiu-me os olhos e disse-me: ‘Vai à piscina de Siloé e lava-te.’ Então eu fui, lavei-me e comecei a ver!” (...)

Ora os judeus não acreditaram que aquele homem tivesse sido cego e agora visse, até que chamaram os pais dele. E perguntaram-lhes: “É este o vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Então como é que agora vê?” Os pais responderam: “Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego; mas não sabemos como é que agora vê, nem quem foi que o pôs a ver. Perguntai-lhe a ele. Já tem idade para falar de si.” (...) Chamaram, então, novamente o que fora cego, e disseram-lhe: “Dá glória a Deus! Quanto a nós, o que sabemos é que esse homem é um pecador!” Ele, porém, respondeu: “Se é um pecador, não sei. Só sei uma coisa: que eu era cego e agora vejo.” (...)

Jesus declarou: “Eu vim a este mundo para proceder a um juízo: de modo que os que não veem vejam, e os que veem fiquem cegos.» Alguns fariseus que estavam com Ele ouviram isto e perguntaram-lhe: «Porventura nós também somos cegos?» Jesus respondeu-lhes: «Se fôsseis cegos, não estaríeis em pecado; mas, como dizeis que vedes, o vosso pecado permanece.»» (Jo 11)



As leituras de hoje são muito ricas e interpeladoras. Quando as li, confesso que fiquei “esmagada” pela sua força. Já as ouvimos tantas vezes, sobretudo o salmo e o evangelho, que se torna difícil rezá-las, trazê-las para a vida do dia-a-dia. Parece que sabemos já tudo o que nos dizem mas que, ao mesmo tempo, estamos muito longe de atingir o seu pleno significado. Se nos elevam nos princípios, também nos confrontam com a dificuldade de levar esses princípios no coração e nas obras, em cada dia da nossa vida.

O evangelho revela a cura do cego de quem todos duvidam. Impressionam-me as inquietações, a falta de fé, a desconfiança de todos, a culpabilização permanente, a incredulidade de que algo de bom possa acontecer aos pecadores, o medo que se fazia sentir. Impressiona-me, também, a singeleza do cego que, perante a evidência, só diz “Só sei uma coisa: que eu era cego e agora vejo”.

Sinto que nós, cristãos, temos muitas vezes essa dificuldade de explicar aos outros a nossa fé. Continuamos com medo. Já não dos soldados romanos, mas de que nos julguem. Medo, também, da nossa falta de fé. Como se a fé que temos não chegasse nunca, não fosse – por si só – suficiente para mudar a nossa vida. Somos, à vez, o cego que vê e o fariseu que cega.

O que nos conduz ao salmo de hoje, que é talvez dos mais conhecidos e dos mais rezados. É também dos textos mais belos que alguma vez li. Ao lê-lo, sinto-me “embalada”, protegida, amada por Deus. E não deixo nunca de me deixar impressionar pela força destas palavras, pela força da Palavra.

"O Senhor é o meu pastor". Esta imagem, um pouco bucólica para quem vive no mundo urbano de hoje, tem uma enorme beleza - porque o pastor não vai sempre à frente, confiando que as suas

ovelhas nunca se tresmalharão e o seguirão. Antes as (nos) acompanha, orienta. Mas também nos dá tempo para nos alimentarmos, para pararmos a descansar, até para nos desviarmos do caminho... Diz em seguida o salmo que "O Senhor reconforta a minha alma", "guia-me por caminhos retos", que com ele não terei medo, porque a sua bondade e o seu amor estarão sempre comigo "todos os dias da minha vida". Sinto que preciso de repetir, repetir e repetir este salmo, de procurar na sua força a minha (nossa) força. Mas, também, de reafirmar a nossa coragem de nos sabermos cristãos amados e de mostrarmos aos outros como é simples e bom receber esse Amor e levá-lo por este mundo fora.



"A cura do cego de nascença" - pintura de El Greco, cerca de 1570
(Staatliche Kunstsammlungen, Dresden)

O Evangelho de hoje apresenta-nos o episódio do homem cego de nascença, a quem Jesus confere a vista. Esta longa narração tem início com um cego que começa a ver e termina — isto é curioso — com alguns presumíveis videntes que continuam a ser cegos na alma. O milagre é narrado por João em apenas dois versículos, porque o evangelista quer chamar a atenção não apenas para o prodígio em si mesmo, mas para aquilo que acontece em seguida, para os debates que isto suscita; e também para o falatório, pois muitas vezes uma obra, um gesto de caridade provoca murmurações e debates, porque alguns não querem ver a verdade. O evangelista João quer chamar a atenção para aquilo que acontece até nos dias de hoje, quando se realiza uma obra boa. O cego curado é primeiro interrogado pela multidão admirada — viram o milagre e interrogam-no — e depois pelos doutores da lei, que interrogam também os seus pais. No final, o cego curado chega à fé, a maior graça que lhe é concedida por Jesus: não apenas de ver, mas de O conhecer, de O ver como «a luz do mundo» (Jo 9, 5).

Enquanto o cego se aproxima gradualmente da luz, os doutores da lei, ao contrário, afundam cada vez mais na sua cegueira interior. Fechados na sua presunção, já julgam possuir a luz; por isso, não se abrem à verdade de Jesus. E fazem de tudo para negar a evidência. Põem em dúvida a identidade do homem curado; em seguida, negam a obra de Deus na cura, alegando como desculpa que Deus não age aos sábados; chegam até a duvidar que aquele homem fosse cego de nascença. O seu fechamento à luz torna-se agressivo e acaba na expulsão do homem curado para fora do templo.

Ao contrário, o caminho do cego é um percurso por etapas, que começa com o conhecimento do nome de Jesus. Nada mais sabe dele; com efeito, diz: «Aquele homem que se chama Jesus fez lodo e ungiu-me os olhos» (v. 11). A seguir às perguntas insistentes dos doutores da lei, considera-o primeiro um profeta (v. 17) e em seguida um homem que está próximo de Deus (v. 31). Depois de ter sido afastado do templo, excluído da sociedade, Jesus encontra-se novamente com ele e «abre os seus olhos» pela segunda vez, revelando-lhe a sua própria identidade: «Eu sou o Messias», assim

Ihe diz! Nesta altura, aquele que era cego exclama: «Creio, Senhor!» (v. 38), e prostra-se diante de Jesus. Trata-se de um trecho do Evangelho que mostra o drama da cegueira interior de muitas pessoas, inclusive da nossa, porque às vezes também nós vivemos momentos de cegueira interior.

Às vezes a nossa vida é semelhante à existência do cego que se abriu à luz, que se abriu a Deus, que se abriu à sua graça. Por vezes, infelizmente, é um pouco como a vida dos doutores da lei: do alto do nosso orgulho julgamos os outros, e até o próprio Senhor! Hoje, somos convidados a abrir-nos à luz de Cristo para dar fruto na nossa vida, para eliminar os comportamentos que não são cristãos; todos nós somos cristãos, mas todos nós — todos! — às vezes temos comportamentos não cristãos, atitudes que são pecados. Devemos arrepender-nos disto, eliminar estes comportamentos para caminhar decididamente pela vereda da santidade. Ela tem a sua origem no Batismo. Com efeito, também nós fomos «iluminados» por Cristo no Batismo, como no-lo recorda são Paulo, a fim de nos podermos comportar como «filhos da luz» (Ef 5, 8), com humildade, paciência e misericórdia. Aqueles doutores da lei não tinham humildade, nem paciência e nem sequer misericórdia!

Hoje, quando voltardes para casa, sugiro-vos que pegueis no Evangelho de João para ler este trecho do capítulo 9. Isto far-vos-á bem, porque assim vereis este caminho da cegueira para a luz, e a outra senda errada, rumo a uma cegueira ainda mais profunda. Interroguem-nos: como é o nosso coração? Tenho um coração aberto ou fechado? Aberto ou fechado para Deus? Aberto ou fechado para o próximo? Temos sempre em nós mesmos algum fechamento que nasce do pecado, dos equívocos, dos erros. Não devemos ter medo! Abramo-nos à luz do Senhor! Ele espera-nos sempre para nos levar a ver melhor, para nos dar mais luz, para nos perdoar. Não podemos esquecer isto! Confiemos à Virgem Maria o caminho quaresmal para que também nós, como o cego curado, com a graça de Cristo, possamos «vir à luz», progredir rumo à luz e renascer para uma vida nova.

Regressar à vida abundante

- Ez 37,12-14 «(...) “Vamos outra vez para a Judeia.”
Disseram-lhe os discípulos: “Rabi, há pouco
SI 129 (130) os judeus procuravam apedrejar-te, e Tu
queres ir outra vez para lá?” Jesus respondeu:
Rm 8,8-11 “Não tem doze horas o dia? Se alguém anda
de dia, não tropeça, porque tem a luz deste
Jo 11,1-45 mundo. Mas, se andar de noite, tropeça,
porque não tem a luz com ele.” (...)

Logo que Marta ouviu dizer que Jesus estava a chegar, saiu a recebê-lo, enquanto Maria ficou sentada em casa. (...)

Disse-lhe Jesus: “Teu irmão ressuscitará.” Marta respondeu-lhe: “Eu sei que ele há-de ressuscitar na ressurreição do último dia.”

Disse-lhe Jesus: “Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre. Crês nisto?” (...)

Ao vê-la a chorar e os judeus que a acompanhavam a chorar também, Jesus suspirou profundamente e comoveu-se. Depois, perguntou: “Onde o pusestes?” Responderam-lhe: “Senhor, vem e verás.” Então Jesus começou a chorar. Diziam os judeus: “Vede como era seu amigo!” Mas alguns deles murmuravam: “Então, este que deu a vista ao cego não podia também ter feito com que Lázaro não morresse?” (...)

(Jesus) bradou com voz forte: “Lázaro, vem cá para fora!” O que estava morto saiu de mãos e pés atados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário. Jesus disse-lhes: “Desligai-o e deixai-o andar.” Então, muitos dos judeus que tinham vindo a casa de Maria, ao verem o que Jesus fez, creram nele.» (Jo 11, 7-10.20.23-26.33-37.43-45)



tempo das trevas e da dor estava próximo. Jesus sabia-o bem. Sabia também que sem a luz da Sua palavra muitos mais tropeçariam. **Em que tropeço eu, Senhor?** Nos momentos de oração, é fácil ver como a Tua palavra me ilumina. Apertado na carruagem do metro ou na relação com os filhos adolescentes, é bem mais difícil tê-la sempre presente e, muitas vezes, tropeço e caio. E dói. Não há que ter medo das palavras: tropeçar e cair dói. Tomar consciência da nossa queda dói ainda mais e faz-nos sentir derrotados, perdidos.

Ainda não consigo perceber bem o significado de Marta ter ido ao encontro de Jesus, enquanto Maria ficou sentada, em casa. É (quase) o contrário do que teria acontecido antes (Lc 10, 38-42), com Maria a ficar, desta vez, longe de Jesus, sentada, derrotada, perdida... Marta vai ter com o Senhor cheia de fé, mas sem saber bem o que Ele irá fazer, pedindo, de forma envergonhada, que Jesus salve o seu irmão (Jo 11, 21-22). E, quando Jesus lhe diz que o vai fazer, Marta hesita entre o muito que acredita n'Ele e a impossibilidade do que acabara de lhe pedir. Tantas vezes me encontro assim na oração: acredito em Jesus mas acho que, por muito que reze, Ele não poderá ajudar-me em situações tão concretas. **Que situações são essas? Levo-as à oração ou tenho vergonha? Quando as levo à oração, deixo mesmo que o Senhor me fale, me ajude?** Talvez para a ajudar a gerir tudo isto, Marta vai buscar a mana de uma forma muito inteligente: *"Está cá o Mestre e chama por ti"*. E quando Jesus nos chama, o melhor é mesmo levantarmo-nos rapidamente e correr a prostrarmo-nos a seus pés... (Jo 11, 28-32)

A parte final deste Evangelho é violenta, num crescendo ritmado de tensão: Jesus comove-se, perturba-se, chora, reza e grita! Ele sente a dor, a raiva e tudo o que qualquer um de nós sentiria ao perder um amigo. E ainda foi recriminado por não ter impedido a morte do

amigo! Contudo, agradece ao Pai ter ouvido a sua oração para que possa ressuscitar Lázaro. É este ponto que me ajuda agora: Jesus foi buscar a força para, literalmente, mudar a história à oração. A superação de uma dor tão grande partiu da oração. **E eu, de onde parto, onde vou buscar força para mudar a minha história? Continuo a contar só comigo e com as minhas forças?** O grito de Jesus já não é de revolta: é de confiança, de alegria. E quando se espera que a ressurreição de Lázaro seja a conclusão de tudo isto, Jesus acrescenta *“Desligai-o e deixá-lo andar”*. Sem esta ordem nem nos aperceberíamos de que o pobre do morto saiu do sepulcro *“de mãos e pés atados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário”*. Jesus dá-nos uma vida nova, abundante, que não pode ser vivida de qualquer maneira. Ele quer-nos libertos de tudo o que nos prende e impede de caminhar. **De que preciso de me libertar hoje?**

No final desta oração, parece que ouço Jesus gritar o meu nome e dizer-me para sair do sepulcro, a mandar tirar as ligaduras para que não tropece e possa voltar a caminhar...



A Riqueza do Limite

Transformar as feridas em pérolas

A pérola é esplêndida e preciosa.

Nasce da dor.

Nasce quando uma ostra é ferida.

Quando um corpo estranho – uma impureza, um grãozinho de areia – penetra no seu interior e a habita, a concha começa a produzir uma substância (a madrepérola) com que o cobre para proteger o seu corpo invadido. No fim, ter-se-á formado uma bela pérola, brilhante e valiosa. Se não for ferida, a ostra nunca poderá produzir pérolas, porque a pérola é uma ferida cicatrizada.

Quantas feridas temos dentro de nós, quantas substâncias nos habitam? Limites, debilidades, pecados, incapacidades, inadequações, fragilidades psicofísicas... E quantas feridas nas nossas relações interpessoais? Para nós, a questão fundamental será sempre esta: o que fazemos com elas? Como as vivemos?

(Paolo Scquizzato, “O Elogio da Imperfeição”, Paulinas, 2016, p. 5)

parte II **Semana Santa e Páscoa**

O olhar posto em Jesus

- Mt 21,1-11 «Cristo Jesus, que era de condição divina,
 não Se valeu da sua igualdade com Deus,
 Is 50,4-7 mas aniquilou-Se a Si próprio.
 Assumindo a condição de servo,
 Sl 21 (22) tornou-Se semelhante aos homens.
 Aparecendo como homem,
 Fl 2,6-11 humilhou-Se ainda mais,
 obedecendo até à morte
Mt 27,11-54 e morte de cruz.

Por isso Deus O exaltou
e Lhe deu um nome
que está acima de todos os nomes,
para que ao nome de Jesus
todos se ajoelhem no céu,
na terra e nos abismos,
e toda a língua proclame
que Jesus Cristo é o Senhor,
para glória de Deus Pai.» (Fl 2,6-11)



Domingo de Ramos marca a entrada numa semana que, para os cristãos, não se pode dizer que seja apenas importante, senão, igualmente, entranhável, cheia de profundidade, em que todas as pessoas tomam decisões e em que tudo desemboca numa promessa de vida para sempre.

Ainda durante a semana há uma quantidade enorme de acontecimentos duros, duríssimos, há dúvidas, acusações, falsidades, renúncias, entregas, juízos, incompreensões, muita dor, não obstante o Domingo com que se inicia e o Domingo com que termina serem dois momentos gloriosos, festivos, de muita alegria, onde Jesus é reconhecido como Filho de Deus.

Hoje, vivemos esse Domingo de Ramos e eu quero somente centrar-me nesse momento da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém; portanto, convido-vos a ler detidamente Mateus 21,1-11.

Jesus, prepara com cuidado essa ida a Jerusalém; não seria o normal Nele, que não vivia programado, nem tinha uma agenda segundo a qual fosse atuando. Ele simplesmente metia-Se pelos caminhos, encontrava-Se com as gentes, dialogava com elas, perguntava o que queriam; e para cada um tinha a solução de que este precisava. Por que decide então, nesse dia, que quer entrar em Jerusalém de uma forma determinada e pede ao Seus discípulos ajuda para o seu plano? Parece que atua de maneira diferente, nas outras vezes abandona o lugar onde O querem aclamar como Rei, mas, no Domingo de Ramos, não só não o evita, como parece que o busca.

Diante disto, não podemos esquecer que Jesus diz sempre que Ele só faz a vontade do Pai. Sendo isto verdade, que quer Deus para o Seu Filho, Jesus? Que pretende?

A resposta, encontramos-la na segunda leitura deste Domingo Fl 2, 6-11. Lendo este texto e rezando-o, entendo a pedagogia de Deus. A nós, perdão, a mim, é-me muito difícil essa dinâmica do Hino dos Filipenses, de rebaixar-se para alcançar o prémio. A Nossa sociedade educa-nos na luta, na competência, no conseguir, no ter, no possuir, no poder, no ter êxito para conseguir ser alguém... desde logo, nada a ver com *“sendo de Condição Divina despoja-Se da Sua posição e faz-Se igual aos homens, humilha-Se até à morte - e morte numa cruz! Por isso Deus O exaltou sobre tudo, para que todos proclamem que Jesus é o Senhor”* (Cf. Fl 2,6-11). Isto não se pode entender a partir da teoria, apenas com palavras ou com definições, só se entende pelo testemunho, perante a vida; e é o que Jesus vive, diante de nós, para que creiamos que é possível e para que aprendamos que *“os caminhos de Deus são diferentes dos dos homens”* (Is 55,8). Que, nos planos de Deus, se sobe baixando, se ganha perdendo, e se vive morrendo. E é assim que Jesus nos mostra, com a Sua própria vida, que, sendo reconhecido como Filho de Deus, não Se apegava a este privilégio, desapodera-Se, desapropria-Se dele, para ganhar a Glória e a Vida para sempre.

Se queremos ganhar a Vida, fixemos os nossos olhos em Jesus, vejamos como Ele faz e imitemos a Sua forma de agir.



Vem e... podemos vê-Lo

Oiçam! Aí vem! Oiçam! Escutem a voz que chega de longe.

Não é o vento que traz o eco de uma notícia?

Apuremos os ouvidos e estejamos atentos.

Já aí vem! Ouve-se por entre as gentes...

De quem estão a falar? Por que há tanta algazarra?

Oiçam! Abram alas, olhem lá, ao longe.

Não é Jesus Quem está a chegar?

E montado num burrico!

Já aí vem! Gritam várias mulheres.

Atentas ao que se passa,

procurando ramos, levantando meninos, rindo, alegres.

Oiçam! Queremos vê-Lo.

Falará de alguma coisa?

*Deixem que ande entre nós e sintamos a Salvação das Suas
palavras.*

Oiçam! Escutem... Jesus já aí vem! Podemos vê-Lo

A Sua vida, o Seu amor, a Sua paz ficam connosco...

Hossana! Hossana! Aleluia!

(Poema de Virginia Mónico)

Missa da Ceia do Senhor

Ex 12,1-8.11-14 «Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. No decorrer da ceia, tendo já o Demónio metido

Sl 115 (116) no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, a ideia de O entregar, Jesus, sabendo que o Pai

1 Cor 11,23-26 Lhe tinha dado toda a autoridade, sabendo que saíra de Deus e para Deus voltava,

Jo 13,1-15 levantou-Se da mesa, tirou o manto e tomou uma toalha, que pôs à cintura. Depois, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que pusera à cintura. Quando chegou a Simão Pedro, este disse-Lhe: “Senhor, Tu vais lavar-me os pés?”. Jesus respondeu: “O que estou a fazer, não o podes entender agora, mas compreendê-lo-ás mais tarde”. Pedro insistiu: “Nunca consentirei que me laves os pés”. Jesus respondeu-lhe: “Se não tos lavar, não terás parte comigo”. Simão Pedro replicou: “Senhor, então não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça”. Jesus respondeu-lhe: “Aquele que já tomou banho está limpo e não precisa de lavar senão os pés. Vós estais limpos, mas não todos”. Jesus bem sabia quem O havia de entregar. Foi por isso que acrescentou: “Nem todos estais limpos”. Depois de lhes lavar os pés, Jesus tomou o manto e pôs-Se de novo à mesa. Então disse-lhes: “Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-Me Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque o sou. Se Eu, que sou Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu fiz, vós façais também”» (Jo 13, 1-15)



odas as Quaresmas, pelo menos, rezo a leitura do Lava-Pés e, em todas as orações, me custa começar a rezar, pela profundidade que ela encerra. Sinto que sou confrontada com a exigência de um amor maior, que ainda não sou capaz de dar. Parece que fico sempre aquém do que efetivamente sou chamada a viver, e que devia ser a minha medida de amor.

A leitura do Evangelho de hoje é tão visual que começo sempre por imaginar quem Jesus me chama a ser naquele momento. Desafio a quem lê estas pistas a fazer o mesmo. Numa sou Jesus, noutra Simão Pedro, noutra um dos outros discípulos anónimos, noutra apenas um narrador. Nesta oração intuí que devia ser... JUDAS! Pois, até eu me assustei ao pensar nisso. Porquê Judas? Ele estava lá, não fala, não há referência nenhum a esse discípulo a não ser pelo que Jesus diz *“Vós estais limpos, mas não todos”*. O que estaria a sentir Judas? Eu, na pele de Judas, senti-me resignada à minha vergonha e mesquinhez, perante a profundidade daquele ato. O pecado de Judas foi não amar. Também eu me sinto pequena quando não amo, quando encontro desculpas para fugir deste encontro com Deus, um encontro que não se faz só na oração nem em comunidade, mas que se faz nas pequenas entregas do dia-a-dia. É fácil sentir-me plena em oração, é fácil sentir-me cristã, quando estou com outras pessoas da minha comunidade ou que partilham a mesma fé; mas é fácil amar quando me contrariam, quando nada corre como era expectável, quando nos magoam, quando sofremos ou vemos alguém sofrer...? O que é o AMOR, aquele a que verdadeiramente somos chamados, na nossa Paixão (=caminho de discernimento para o encontro com o Pai)?

Este desafio de Jesus, neste ato de suprema entrega, é exigente. Desinstala-nos, confronta-nos com as nossas limitações. É por isso que tanto me custa rezar o Lava-Pés e outras leituras da Quaresma. *“Amou até ao fim”, “Como eu vos ameí”, “Deu a vida”*... É esta a

medida do teu amor e, por isso, perguntas “*Compreendeis o que eu vos fiz?*”. Não, Jesus, ainda não compreendo totalmente, ainda não vivo totalmente este convite.

Preciso de me deixar LAVAR. E, como Pedro ao perceber esta entrega, ter a ousadia de dizer “*Senhor, não só os pés...*”. Preciso de me deixar LEVAR, deixar ir. Rasgar com preconceitos e papéis instalados, sem constrangimentos nem interrogações. Livre. Seguir este Deus desafiante que me confronta com a urgência de uma resposta “*Se não te lavar, não terás parte comigo*”.

A Cruz é a história de muitas entregas, como diz o texto que selecionei. Senhor, peço-te que, nesta Quaresma, me ilumines, para dar mais um passo nesta grande Entrega a que me chamas.



Um dos verbos que ocupa um lugar de relevo nos relatos da Paixão é o verbo entregar. A Cruz de Cristo é a história das entregas: as humanas e as divinas. Ao lermos os relatos da Paixão, deparamo-nos com o facto de Jesus ser entregue de mão em mão. Judas entrega-O aos Príncipes dos Sacerdotes, estes entregam-n’O a Pilatos e Pilatos entregou Jesus para ser crucificado.

No entanto, há outras entregas mais misteriosas e mais sublimes que conduzem Jesus até à Cruz. A Cruz de Cristo é a história trinitária das entregas: O Pai, por amor, entrega o Filho às mãos dos pecadores para o crucificarem. O Filho, numa fidelidade amorosa, auto-entrega-se à morte. O Espírito é entregue ao Pai, na Sexta-feira Santa, para que o Filho viva em total comunhão com os exilados de Deus e os leve de novo à comunhão com Deus, no Domingo de Páscoa, quando o Pai entregar de novo o Espírito ao Filho.

Jesus entrega-se, livre e generosamente, ao Pai pelos homens. Prova desta auto-entrega de Jesus, deste ato supremo de si pelos homens, são os relatos da instituição da Eucaristia: “Isto é o meu Corpo, entregue por vós.”

(In www.passionistas.pt)

A morte de Jesus

- Is 52,13–53,12 «Sabendo Jesus tudo o que Lhe ia acontecer, adiantou-Se e perguntou-lhes: “A quem buscais?”. Eles responderam-Lhe: “A Jesus, o Nazareno”. Jesus disse-lhes: “Sou Eu”.
- Sl 30 (31) Judas, que O ia entregar, também estava com eles. Quando Jesus lhes disse: “Sou Eu”, recuaram e caíram por terra. Jesus perguntou-lhes novamente: “A quem buscais?”. Eles responderam: “A Jesus, o Nazareno”.
- Hb 4,14-16;5,7-9
- Jo 18,1–19,42

Disse-lhes Jesus: “Já vos disse que sou Eu. Por isso, se é a Mim que buscais, deixai que estes se retirem”.» (Jo 18, 4-8)



meu pai, faça chuva faça sol, esteja bem disposto ou cheio de febre, esteja em Lisboa, onde vive, ou do outro lado do mundo, se é dia santo: vai à Missa. Lembro-me de ser jovem e estarmos de férias em família em França, era sexta-feira santa e lá fomos à Missa. A minha tia, que ficou ao meu lado, quando começaram a ler o Evangelho (em francês) disse-me: “Prepara-te: é o Evangelho mais comprido do ano...” Ouvir o Evangelho de sexta-feira santa em pé, e em francês, não é muito agradável.

O Evangelho de hoje é uma história comprida. O último dia de Jesus antes da ressurreição. Toda a vida de Jesus vem mudar a religiosidade que dominava. Jesus trouxe a Boa Nova de forma revolucionária. Não foi fácil para muitos ouvirem que Deus, afinal, considerava todos iguais: de qualquer raça, de qualquer sexo, de qualquer extrato social, o santo e o pecador eram tratados com igual dignidade. Jesus pôs em causa toda a Lei e regras da sociedade. Por isso mesmo, por pôr em causa toda a religiosidade que imperava, o seu fim foi a morte na cruz.

E como é que Jesus enfrenta a morte? Este texto mostra-nos um Jesus calmo, frontal, não indiferente à morte, mas preparado para dar a vida. Talvez não 100% preparado, pois antes Jesus tinha orado *“Meu Pai, se é possível que passe de mim este cálice; contudo, não seja como Eu quero, mas como Tu queres”* (Mt 26, 39). Jesus não veio para morrer, não procurou a morte, foi morto em consequência das atitudes que tomou durante a vida.

Quem está preparado para a morte, e uma morte de cruz? Esta morte veio revolucionar a religião dos sacrifícios e das ofertas. Jesus deu a sua Vida por todos nós: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”* (Jo 1, 29). Tantas vezes ouvimos esta frase na missa. Jesus, nos dias pascais dos judeus, ofereceu-se a si próprio para libertar todos os nossos pecados. Os hebreus tinham o

costume de matar um cordeiro em sacrifício a Deus, para remissão dos pecados. A morte de Jesus torna estes sacrifícios desnecessários, é o sacrifício supremo, interpretado como o maior ato de amor de Deus para com a humanidade.

Não podemos ficar indiferentes a toda a esta história que aconteceu há 2000 anos. Infelizmente, a Boa Nova de Jesus não foi entendida por muitos, e não é muitas vezes fácil de pôr em prática.

Todos os dias Jesus nos pede para nos lembrarmos Dele e para sermos seus discípulos.



*Graças pelo bem que nos entregas,
por Teu corpo sinal de bondade:
força dos homens que esperam
que um dia voltes, que chegues sem tardar.*

*Graças por Teu sangue derramado,
pois nele está Tua liberdade:
uma liberdade diferente,
que faça do amor o princípio e o fim.*

*Sempre que comamos desta mesa,
nossa vida temos que mudar;
temos que seguir o Teu caminho
mesmo quando haja dias de escuridão.*

*Havemos de encontrar-te entre os pobres,
naqueles que se entregam por amor,
naqueles que repartem justiça,
pois neles se pode ouvir a Tua voz.*

Renovação da Esperança

Gn 1,1–2,2 «Depois do sábado, ao amanhecer do
Sl 103 (104) primeiro dia da semana, Maria Madalena e
Gn 22,1-18 a outra Maria foram ver o sepulcro. De
Sl 15 (16) repente, houve um grande tremor de terra:
Ex 14,15–15,1 o anjo do Senhor desceu do céu e,
Ex 15-2.3-4.5- aproximando-se, retirou a pedra e sentou-
6.17.18 se nela. Sua aparência era como um
Is 54,5-14 relâmpago, e suas vestes eram brancas
Sl 29 (30) como a neve. Os guardas ficaram com
Is 55,1-11 tanto medo do anjo, que tremeram, e
Is 12,2-3.4bcd,5-6 ficaram como mortos. Então o anjo disse
Br 3,9-15.32–4,4 às mulheres: “Não tendes medo! Sei que
Sl 18 (19) procurais Jesus, que foi crucificado. Ele
Ez 36,16-17a.18- não está aqui! Ressuscitou, como havia
28 dito! Vinde ver o lugar em que ele estava.
Sl 41 (42) Ide depressa contar aos discípulos que ele
Rm 6,3-11 ressuscitou dos mortos, e que vai à vossa
Sl 117 (118) frente para a Galileia. Lá vós o vereis. É o
Mt 28,1-10 que tenho a dizer-vos.” As mulheres
partiram depressa do sepulcro. Estavam
com medo, mas correram com grande alegria, para dar a notícia
aos discípulos. De repente, Jesus foi ao encontro delas, e disse:
“Alegrai-vos!” As mulheres aproximaram-se, e prostraram-se
diante de Jesus, abraçando seus pés. Então Jesus disse a elas: “Não
tendes medo. Ide anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a
Galileia. Lá eles me verão.”» (Mt 28,1-10)



odos os textos de hoje apontam para a obra de Deus e para a renovação: renovação da Vida, da Fé, da Esperança, do Amor de Deus por nós. E apelam ao nosso amor e fidelidade a Deus, manifestado também no amor aos outros. Após a noite, a cruz e a morte, segue-se o **começar de novo marcado pelo amanhecer do primeiro dia da semana com o anúncio da vida e da Ressurreição de Jesus**.

O Evangelho começa com uma ação - *«foram ver o sepulcro»* - por parte daquelas mulheres que, perante a morte, a dor e o medo, não ficam paralisadas. Aquelas mulheres agem, procuram o Senhor, indo ao sepulcro.

Nesse momento, há um grande tremor de terra: o anúncio de Jesus, o sinal de Esperança e Vida que Jesus nos dá, o seu chamamento, vêm, muitas vezes, em ambientes assustadores, que nos fazem sentir ameaçados, com medo, no meio de dificuldades, e não num ambiente harmonioso, que nos inspira e nos faz querer segui-Lo imediatamente. Também na nossa vida, mesmo nas situações difíceis que vivemos, nos medos que sentimos, o Senhor está lá a abrir-nos caminho, a dar-nos sinais de vida e de esperança, a transmitir-nos uma mensagem e a chamar-nos a amarmos mais e a vivermos a nossa verdade.

Qual a escolha que fazemos nestes momentos e nestes ambientes? Ficamos petrificados pelo medo que sentimos, como os guardas (*«ficaram com tanto medo, que tremeram, e ficaram como mortos»*) ou, mesmo com medo, vamos mais longe, permanecemos fiéis a Deus e, através da oração, mantemo-nos de olhos, ouvidos e coração aberto para podermos vê-Lo, ouvi-Lo, entregar-Lhe a nossa vida e continuar a escolher viver o Seu amor?

Podemos optar pelo caminho escolhido por aquelas mulheres: embora com medo, correram com grande alegria para dar a notícia

aos discípulos. **E, de repente, na fidelidade e procura, Jesus foi ao encontro delas e falou-lhes.**

A mensagem de Jesus é muito importante: **«Alegrai-vos! Não tenhais medo. Ide anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galileia. Lá eles me verão».** Nesta frase, Jesus diz-nos tudo o que pretende de nós: que não tenhamos medo – pois este prende e é o contrário da alegria, retirando-nos a liberdade de escolha – e que nos dirijamos para o local onde O veremos, indicando-nos qual é, a Galileia.

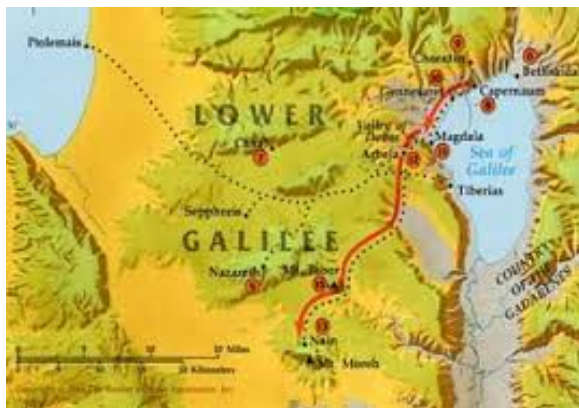
E o que é a Galileia de Jesus? É a origem, a Sua terra, o Seu lugar, o mais profundo do Seu ser, a essência, a identidade fundamental, a condição essencial de Filho muito Amado de Deus. **É na Galileia de cada um que cada um verá Jesus.** É na identidade essencial de cada um, como Filho muito Amado de Deus, que, desde o batismo, nos encontramos com Deus, que podemos ver a Deus, que estamos e vivemos em Deus e, inspirados pelo Seu amor e Sua voz, podemos cumprir aquilo que Ele nos pede. É na certeza de que somos muito amados por Ele que nos podemos renovar cada dia para também transmitirmos mais e melhor esse amor aos outros e, assim, renovar um pouco da face da Terra.

O anúncio de Jesus faz-se pela vivência da nossa condição fundamental de filhos muito amados de Deus, sendo nós próprios e vivendo na nossa verdade, para o que Deus nos criou, tal como somos. E contribuímos para a renovação da face da Terra quando, pelo nosso testemunho de amor, ajudamos o outro a encontrar-se consigo próprio (e com Deus) pelas mais variadas formas, as quais dependem das circunstâncias concretas de cada um, mesmo para aqueles que não têm o dom da Fé.

Esta é a esperança cristã de que falou o Papa Francisco na vigília pascal do ano passado:

«Este é o fundamento da esperança, que não é mero otimismo, nem uma atitude psicológica ou um bom convite a ter coragem. A esperança cristã é um dom que Deus nos concede, se sairmos de nós mesmos e nos abrimos a Ele. Esta esperança não dececiona porque o Espírito Santo foi infundido nos nossos corações (cf. Rm 5, 5). O Consolador não faz com que tudo apareça bonito, não elimina o mal com a varinha mágica, mas infunde a verdadeira força da vida, que não é a ausência de problemas, mas a certeza de sermos sempre amados e perdoados por Cristo, que por nós venceu o pecado, venceu a morte, venceu o medo. Hoje é a festa da nossa esperança, a celebração desta certeza: nada e ninguém poderá jamais separar-nos do seu amor (cf. Rm 8, 39).»

Onde é a Galileia em que verei Jesus? Em que lugar me encontro? Dirijo-me, mesmo para além do medo e dificuldades que sinto, para a Galileia à procura de Jesus ou fico paralisado pelo medo sem conseguir sair do mesmo sítio? Que escolha faço perante o anúncio de que Jesus ressuscitou e se dirige para a Galileia, independentemente das circunstâncias que vivo? Qual a minha fonte de renovação? O que Deus me pede que renove na minha vida e na face da Terra? Que anúncio – como, a quem, para quê – faço de Jesus Ressuscitado?



*Sopra Senhor eu Te peço
Que envolvas hoje a minha alma
Pois só Teu amor e abrigo
Me darão consolo e calma*

*Sopra Senhor, sopra forte
Com Tua brisa neste dia
Faz Teu Espírito o meu norte
E renova a minha vida*

*Apesar das minhas quedas
Faz me fiel às Tuas promessas
Sopra Senhor meu caminho
E arranca me esta tristeza*

*Sopra, sopra Senhor Tua grandeza,
sopra, faz me fiel em minha pobreza, sopra*

*Sopra Senhor meu ouvido
Sopra forte, arranca o medo
Pois sem Ti fico perdido
Sem Tua luz eu fico cego*

*Sopra Senhor com Teu vento
E batiza-me em Tua luz
Chama me a servir, Maestro,
Leva me a seguir Jesus*

*Hoje entrego a minha vida
Os meus sonhos, o meu todo,
Meu cansaço, meus pecados
E molda me ao Teu modo*

*Sopra, e batiza-me em Tua luz
Sopra, faz me livre em minha cruz, sopra*

*Sopra Senhor Teu amor
Sopra em meus sentimentos
Que seja pelo Teu calor
Que eu escolha em todo o momento*

*Sopra Senhor este canto
Põe Tua palavra em minha mão
Leva me a tirar o manto
E a acolher de coração*

*Quero crescer na Tua vinha
E viver com alegria
Ser fruto do Teu ramo
Recomeçar cada dia!*

*Sopra, sopra Senhor Tua grandeza,
Sopra faz me fiel em minha pobreza
Sopra e batiza-me em Tua luz
Sopra faz me livre em minha cruz, sopra...*

(adaptado por Joana Galvão Teles)

Ver, crer, experimentar, saborear e viver

- At 10,34a.37-43 «No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava.
- SI 117 (118) Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhes: “O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram.”
- Cl 3,1-4 Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao túmulo.
- ou 1 Cor 5,6b-8
- Jo 20,1-9

Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo.

Inclinou-se para observar e reparou que os panos de linho estavam espalmados no chão, mas não entrou.

Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no túmulo e ficou admirado ao ver os panos de linho espalmados no chão, ao passo que o lenço que tivera em volta da cabeça não estava espalmado no chão juntamente com os panos de linho, mas de outro modo, enrolado noutra posição.

Então, entrou também o outro discípulo, o que tinha chegado primeiro ao túmulo. Viu e começou a crer, pois ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.» (Jo 20, 1-9)



Senhor Jesus, nesta Páscoa quero começar por pedir-Te por todos aqueles que sofrem, para que encontrem alegria e paz. Renova Senhor os corações. Os corações dos que andam longe do Teu amor.

Senhor Jesus, transforma os desertos das nossas vidas, uma terra árida, em algo capaz de acolher, fazer florescer e dar frutos.

Senhor Jesus, aumenta a minha fé e a minha confiança em Ti.

O Domingo de Páscoa é um domingo especial, um dia de alegria por excelência, um dia de festa.

Em tempos passados, vivia-se o período da Quaresma de forma austera, não se comendo carne às sextas-feiras e efetuando períodos de jejum, austeridade que proporcionava na vertente física o exercício que devia ser seguido espiritualmente: renunciar ao supérfluo dando espaço para viver no essencial. Era um tempo marcado pela oração como praticamente o único alimento. Ainda hoje algumas pessoas mantêm essas regras na sua caminhada de preparação para a Páscoa, o que me leva a questionar, também, se de alguma forma, esta renúncia tão real não é, de facto, caminho de conversão, de ressurreição.

Naquela manhã, Maria Madalena foi procurar Jesus logo de manhã, ainda estava escuro. Queria ir ver Jesus mas certamente ainda havia muitas coisas que ela não compreendia... Ainda estavam pouco claras no seu interior mas, mesmo assim, não adiou a sua busca e encontro com Jesus! Foi a correr procurá-Lo, logo pela manhã...

Para mim também é bom ir ao encontro de Jesus! No entanto, nem sempre O procuro... Ou, então, não lhe abro a porta para Ele entrar... Às vezes deixo para depois, espero por um momento em que o encontro seja numa altura mais adequada...

A verdade é que pode ir-se ao encontro de Jesus de muitas e variadas formas, dar-Lhe tempo de oração, visitar alguém que precisa de falar um pouco da sua vida, das suas angústias (e às vezes custa, não apetece ouvir sempre aquelas lamúrias!). No entanto, Jesus aí está, habita no outro e, por conseguinte, é a Jesus que visito e é a Ele que procuro confortar!

A leitura do Evangelho faz-me perceber que tenho muita coisa para transformar e renovar na minha vida! Nesta Páscoa. O Senhor convida-me a rezar mais e a estar mais atenta aos outros, a sair mais da minha zona de conforto e a aceitar o outro como ele é, a ajudá-lo, não como pretendo, mas como o outro precisa. Tal como o discípulo se debruçou e viu as ligaduras no chão, também eu tenho que me debruçar e olhar bem para dentro de mim, tirar as minhas ligaduras e curar as minhas feridas do egoísmo, da preguiça, da minha dificuldade de chegar ao outro...

O discípulo ainda não tinha entendido o que dizia a Escritura... Também eu, tantas e tantas vezes, tenho tanta dificuldade em entender o que Jesus me diz, em reconhecê-Lo vivo, e vivo com uma vida nova!

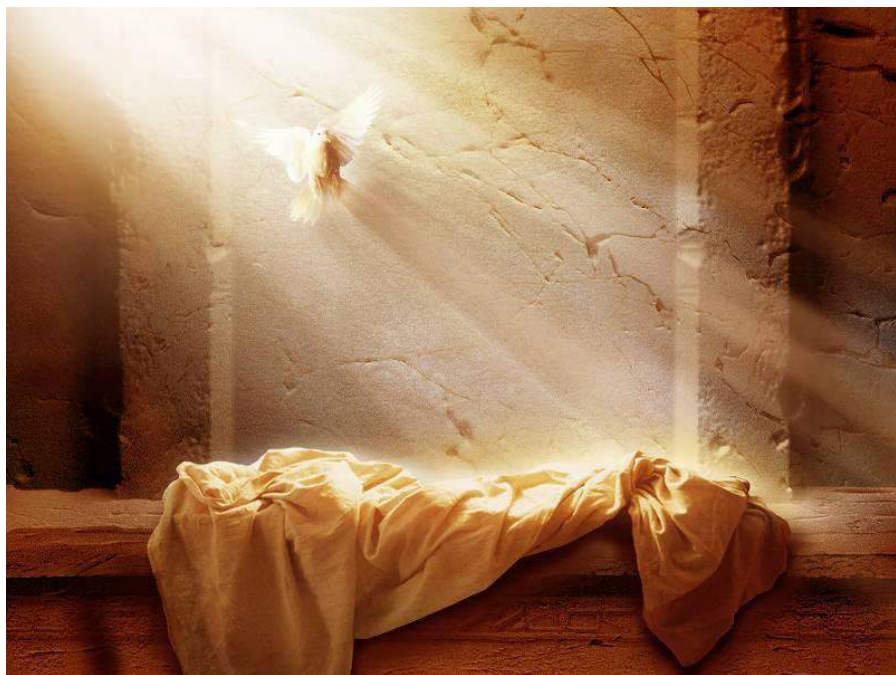
Acreditar na Ressurreição, confiar e viver nesta confiança não me é fácil... Os discípulos que viveram com Jesus também sentiram essas dificuldades... Esta limitação humana que eles sentiram, de alguma forma, ajuda-me a entender e aceitar esta minha fragilidade de Fé.

Peçamos a Jesus que transforme a morte em vida, o ódio em amor, a vingança em perdão, a guerra em paz.

Demos graças ao Senhor porque Ele é bom! Santa Páscoa para todos!

*Porque a morte tem o seu tempo
A ruína soma ruína, à cabeça
Equilibra a existência desmoronada e inteira.
Tu és o que edifica
Tu constróis mil vezes.
Porque o raio tem o seu tempo.
És o clarão, a lâmpada, a estrela
Somas luz à luz.
Não és a luz, és mais que a luz
Porque a noite tem o seu tempo.*

(Daniel Faria)



‘Eu estarei sempre convosco...’

2º Domingo da Páscoa - 23 de abril - Jo 20, 19-31

«A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós». (...) Felizes os que acreditam sem terem visto»

3º Domingo da Páscoa - 30 de abril - Lc 24, 13-35

E quando Se pôs à mesa, tomou o pão, recitou a bênção, partiu-o e entregou-lho.

Nesse momento abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-n’O.

4º Domingo da Páscoa - 7 de maio - Dia Mundial de Oração pelas Vocações - Jo 20, 19-31

«Aquele que entra pela porta é o pastor das ovelhas. Ele chama cada uma delas pelo seu nome e leva-as para fora. (...) caminha à sua frente e as ovelhas seguem-no, porque conhecem a sua voz.».

5º Domingo da Páscoa - 14 de maio - Jo 14, 1-12

«Não se perturbe o vosso coração. Se acreditais em Deus, acreditai também em Mim. (...)

Eu sou o caminho, a verdade e a vida (...) Quem acredita em Mim fará também as obras que Eu faço e fará obras ainda maiores, porque Eu vou para o Pai».

6º Domingo da Páscoa - 21 de maio - Jo 14, 15-21 ou Jo 17, 1-11
 «Se Me amardes, guardareis os meus mandamentos. (...) E quem Me ama será amado por meu Pai e Eu amá-lo-ei e manifestar-Me-ei a ele».

ou

«É por eles que Eu rogo; não pelo mundo, mas por aqueles que Me deste, porque são Teus. Tudo o que é Meu é Teu e tudo o que é Teu é Meu; e neles sou glorificado.»

7º Domingo da Páscoa - 28 de maio - Ascensão - Dia Mundial das Comunicações Sociais - Mt 28, 16-20

«Ide e ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo o que vos mandei.

Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos».



Páscoa não é só um Domingo: é uma festa de tal modo importante no calendário litúrgico, que se estende por sete Domingos, até ao Pentecostes.

E em cada um desses Domingos é a Páscoa que se renova, como, de resto, em cada Eucaristia: *“Anunciamos, Senhor, a Vossa morte, proclamamos a Vossa Ressurreição (...)”*

Semana após semana, vamos assistindo ao nascimento da Igreja primitiva, ao modo como os discípulos viveram após a Ressurreição, à relação íntima do Senhor com os “Seus”, junto de quem volta, para fortalecer, para trazer alegria e paz, para dar o Seu espírito, para reenviar em missão.

Jesus vem convidar-nos a fazermos, nós também, e de novo, este percurso e esta descoberta fundamental da fé cristã: *“O Senhor ressuscitou!”*.

Este é o desafio de Deus, antes de mais, e da Igreja, em cada Tempo Pascal: vivermos com o Senhor Ressuscitado.

Acreditarmos nisto faz-nos não temer as nossas “mortes”, não nos quedarmos nas nossas quedas, não ficarmos parados no nosso pecado.

O que me falta para viver como ressuscitado?

O que é que em mim precisa de ser ressuscitado por Deus, precisa de uma vida nova?...

Que caminhos percorro e quem me guia? A quem pertenço?...

O que preciso que Jesus ilumine no meu olhar e no meu coração, para que viva mais com Ele?

Senhor!

Abre os nossos olhos e ilumina os nossos corações
de forma a que Te reconheçamos nos nossos caminhos.

Vem ensinar-nos que o Caminho és Tu, a Verdade és Tu, a Vida és Tu.

Vem dizer-nos, uma e outra vez (e não Te canses nunca de o fazer!),

que Tu vieste para nos dar Vida, Vida em abundância!

E vieste não só para os que acreditam em Ti, mas para TODOS,
para que todos tenham Vida.

Por isso, ajuda-nos a não desistir de ninguém!

Faz-nos ver que Tu tens para todos os homens este sonho de felicidade sem fim.

Faz-nos acolher como NOSSOS todos aqueles que Tu nos deste e dás,

todos os que Tu nos confias para cuidar, amar e levar a Ti.

Repete muitas vezes aos nossos ouvidos (porque somos lentos a compreender...),

Que Tu nos envolves nesta relação entre Ti e o Pai:

“Tudo o que é Meu é Teu e tudo o que é Teu é Meu”;

“Tudo o que Te pertence, a Mim me pertence”.

Faz-nos definitivamente compreender

que, na Tua relação com cada um de nós,
não há “Teus” e “meus”, mas todos são “nossos”:

Tu chamas-nos a receber tudo o que é Teu
e assumes tudo o que é nosso.

Ensina-nos a confiança e o abandono total em Ti...

Ensina-nos a escutar-Te, a seguir-Te e a deixarmo-nos levar por Ti,
Bom Pastor, que dá a vida por cada uma das Suas ovelhas
e não deixa que nenhuma se perca.

Concede-nos o dom da intimidade Contigo, no meio das vidas
atribuladas que temos.

Só Contigo podemos descobrir que o segredo da vida é o Amor.

A fé em Ti é esta certeza de que estás sempre connosco!



Dás-nos o Teu Espírito, Aquele sobre o qual disseste

“...que permanece convosco e está em vós”

e ajuda-nos a apercebermo-nos do que Ele faz em nós e noutros, na
Igreja e no mundo.

Faz-nos crescer nesta certeza da Tua presença,

para que, em momento algum, nem os “ventos” que vêm de fora
nem a pequenez do nosso coração

nos façam duvidar das Tuas palavras:

“Eu estarei sempre convosco, até ao fim dos tempos”.

Amém

Jesus convida-nos

- At 2,1-11 «Ao anoitecer daquele dia, o primeiro da
 semana, estando fechadas as portas do lugar
Sl103 (104 onde os discípulos se encontravam, com
) medo das autoridades judaicas, veio Jesus,
1 Cor 12,3b- pôs-se no meio deles e disse-lhes: “A paz
 7.12-13 esteja convosco!”
 Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o peito. Os
Jo 20,19-23 discípulos encheram-se de alegria por verem
 o Senhor.

E Ele voltou a dizer-lhes: “A paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós.”

Em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos.”»

(Jo 20,19-23)



relação com Deus não é feita de imposições. Acho que é feita de convites; convites que, verdadeiramente e em liberdade, podemos aceitar ou recusar; e que aceitamos e recusamos.

Há dois mil anos atrás, estavam os discípulos recolhidos e escondidos, invadidos pelo medo da perseguição que lhes era movida pelos Judeus por eles terem seguido Jesus.

“(...) cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado (...).

Hoje sinto que também as inquietações, medos e receios diários, nos invadem e nos deixam fechados em nós próprios. Quando assim é, as nossas portas também se encontram fechadas: fechadas ao outro, à relativização e abertura do problema que o outro pode trazer, fechados a Deus.

Jesus convida-nos; convida-nos a abrimo-nos ao Seu olhar acolhedor e à Sua esperança transformadora.

Há dois mil anos, Jesus rompe a atmosfera de medo e coloca-se no meio deles, *“(...) pôs-se no meio (...)*”, anunciando a Sua paz. No meio deles. É aí que é possível estar verdadeiramente próximo; próximo para amar, próximo para acolher, próximo para reconfortar o que sofre. É aí que Jesus se coloca aquando do Seu regresso. Um **Rei** que abdica da altivez do seu **título** e opta por se fazer próximo dos que ama; opta por se misturar com os apóstolos. Não é o que diariamente tenta fazer? Misturar-se connosco e envolver-se nas nossas vidas?

Jesus convida-nos. Convida-nos a deixar que Ele se coloque no meio de nós, no meio do nosso coração.

Jesus tenta pacificar e acalmar os discípulos dizendo-lhes “*A paz esteja convosco!*”. Como poderiam os Apóstolos usufruir e gozar a presença do Senhor, se recolhidos em si próprios e **gelados** pelo medo?

A presença **transformada** de Jesus pareceu não ser suficiente; os apóstolos precisaram ver o corpo de Jesus, mão e peito, para confiarem que Ele era de facto Jesus, e para aí se libertarem e alegrarem com a Sua presença. Parece que, de facto, ontem e hoje, necessitamos de ver confirmadas dúvidas, para que as nossas incertezas deixem de o ser.

Jesus como que lhes tenta dizer “Calma, não se preocupem; Eu estou aqui”, e confirma essa intenção quando a atmosfera tensa se desvanece e os discípulos se alegram por terem percebido que estavam na presença do Senhor. E se, no nosso dia-a-dia, quando as dificuldades se agudizam, pudéssemos ecoar no nosso coração um “calma, não te preocupes; Eu estou aqui”?

Conseguiríamos confiar um pouco mais no Senhor e alegrarmo-nos, como os Apóstolos fizeram?

Jesus convida-nos. Convida-nos a confiarmos Nele.

Por fim, o **Espírito Santo**. Semanalmente, no Credo, ouvimos e repetimos “...Creio no **Espírito Santo** que é Senhor e dá a vida...”. O **Espírito Santo** dá a vida. Junto dos discípulos, Jesus soprou-lhes um momento de transformação, e consequentemente, de vida “*Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados.*”

Quando, abertamente ou secretamente, não perdoamos ou não conseguimos perdoar o próximo, por alguma falha, incorreção ou dor que nos tenha causado, esse **acontecimento** como que fica retido, incapaz de nos transformar e transformar a relação; sucede o oposto quando conseguimos perdoar verdadeiramente; esse

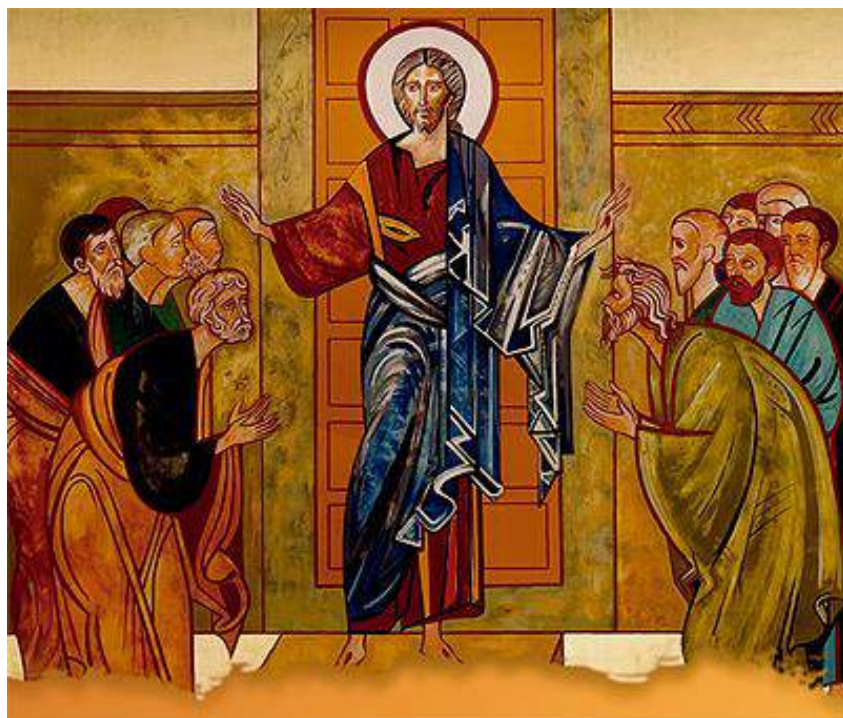
erro, essa falha são transformados, e a relação como que se reinicia, nova ao ver o pecado perdoado.

Da nossa capacidade de transformar, resultará estagnação ou transformação, resultarão momentos de escuridão ou momentos de **vida**.

Não experimentamos isto no nosso dia-a-dia? Com os nossos filhos, esposos, irmãos, amigos?

Jesus convida-nos. Convida-nos a apagar os ressentimentos e as agruras que carregamos.

Jesus convida-nos. Convida-nos a deixarmo-nos contagiar pelo Seu sopro de vida.



O fio de ouro que nos liga

«(...) A fé, que é um dom de Deus e sempre se deve pedir, tem de ser, por sua vez, cultivada também por nós. Não é uma força mágica que desce do céu, não é um «dote» pessoal que se recebe numa vez para sempre, nem mesmo um superpoder que serviria para resolver os problemas da vida. Com efeito, uma fé útil para satisfazer as nossas necessidades seria uma fé egoísta, completamente centrada em nós. A fé não deve ser confundida com estar bem ou sentir-se bem, com sentir-se consolado no íntimo, porque temos um pouco de paz no coração. A fé é o fio de ouro que nos liga ao Senhor, a pura alegria de estar com Ele, de estar unido a Ele; é o dom que vale a vida inteira, mas que só dá fruto, se fizermos a nossa parte.

*E qual é a nossa parte? Jesus faz-nos compreender que é o **serviço**.»*

(Extraído da Homilia do Papa Francisco
na Igreja da Imaculada, Baku em 2 de outubro de 2016)

parte III

A misericórdia, o dom e esperança

Neste Caderno, queremos partilhar convosco frases da Carta Apostólica “Misericordia et Misera” que o Papa Francisco nos ofereceu para encerrar o Ano da Misericórdia.

Publicamos também, como fazemos habitualmente, excertos da Mensagem para a Quaresma, desta vez sob o lema “A Palavra é um dom, o outro é um dom”, centrada na parábola do homem rico e do pobre Lázaro (cf. Lc 16, 19-31).

E este ano celebramos, já no Tempo Pascal, o Centenário das aparições em Fátima, em 1917, facto que motiva a visita do Papa e que levou os Bispos portugueses a produzir o documento “Fátima, sinal de esperança para o nosso tempo”, de que também transcrevemos fragmentos.



Misericórdia et misera CARTA APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO NO TERMO DO JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA (excertos)

Misericórdia e mísera (misericordia et misera) são as duas palavras que Santo Agostinho utiliza para descrever o encontro de Jesus com a adúltera (cf. Jo 8, 1-11). Não podia encontrar expressão mais bela e coerente do que esta, para fazer compreender o mistério do amor de Deus que vem ao encontro do pecador: «Ficaram apenas eles dois: a mísera e a misericórdia» (...)

O *perdão* é o sinal mais visível do amor do Pai, que Jesus quis revelar em toda a sua vida.

Nada que um pecador arrependido coloque diante da misericórdia de Deus pode ficar sem o abraço do seu perdão.

A misericórdia é esta ação concreta do amor que, perdando, transforma e muda a vida.

A misericórdia suscita *alegria*, porque o coração se abre à esperança duma vida nova.

Agora, concluído este Jubileu, é tempo de olhar para diante e compreender como se pode continuar, com fidelidade, alegria e entusiasmo, a experimentar a riqueza da misericórdia divina.

A *Bíblia* é a grande narração que relata as maravilhas da misericórdia de Deus.

A celebração da misericórdia tem lugar, de forma particular, no *sacramento da Reconciliação*.

(...) não existe pecado algum que a misericórdia de Deus não possa

alcançar e destruir, quando encontra um coração arrependido que pede para se reconciliar com o Pai.

Nunca deixemos que nos roubem a esperança que provém da fé no Senhor ressuscitado. É verdade que muitas vezes somos sujeitos a duras provas, mas não deve jamais esmorecer a certeza de que o Senhor nos ama.

Às vezes, poderá ser de grande ajuda também o *silêncio*; porque em certas ocasiões não há palavras para responder às perguntas de quem sofre.

É a hora de dar espaço à imaginação, a propósito da misericórdia, para dar vida a muitas obras novas, fruto da graça.

Somos chamados a fazer crescer uma *cultura de misericórdia*, com base na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença, nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos.

A cultura da misericórdia forma-se na oração assídua, na abertura dócil à ação do Espírito, na familiaridade com a vida dos Santos e na solidariedade concreta para com os pobres.

Este é o tempo da misericórdia. Cada dia da nossa caminhada é marcado pela presença de Deus, que guia os nossos passos com a força da graça que o Espírito infunde no coração para o plasmar e torná-lo capaz de amar.

É o tempo da misericórdia para que quantos se sentem fracos e indefesos, afastados e sozinhos possam individuar a presença de irmãos e irmãs que os sustentam nas suas necessidades.

É o tempo da misericórdia para que os pobres sintam pousado sobre si o olhar respeitoso mas atento daqueles que, vencida a indiferença, descubrem o essencial da vida.

É o tempo da misericórdia para que cada pecador não se canse de pedir perdão e sentir a mão do Pai, que sempre acolhe e abraça.

Sobre nós permanecem pousados os olhos misericordiosos da Santa Mãe de Deus, a Mãe da Misericórdia (...) Confiemos na sua ajuda materna e sigamos a indicação perene que nos dá de olhar para Jesus, rosto radiante da misericórdia de Deus.



A Palavra é um dom, o outro é um dom

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA QUARESMA 2017 (excertos)

A Quaresma é o momento favorável para intensificarmos a vida espiritual através dos meios santos que a Igreja nos propõe: o jejum, a oração e a esmola. Na base de tudo isto, porém, está a Palavra de Deus, que somos convidados a ouvir e meditar com maior assiduidade neste tempo.

Queria deter-me, em particular, na parábola do homem rico e do pobre Lázaro (Lc 16, 19-31).

(...) Lázaro ensina-nos que o outro é um dom. A justa relação com as pessoas consiste em reconhecer, com gratidão, o seu valor. (...) O primeiro convite que nos faz esta parábola é o de abrir a porta do nosso coração ao outro, porque cada pessoa é um dom, seja o nosso vizinho ou o pobre desconhecido. A Quaresma é um tempo propício para abrir a porta a cada necessitado e nele reconhecer o rosto de Cristo. Cada um de nós encontra-o no próprio caminho. Cada vida que se cruza connosco é um dom e merece aceitação, respeito, amor. A Palavra de Deus ajuda-nos a abrir os olhos para acolher a vida e amá-la, sobretudo quando é frágil.

(...) Amados irmãos e irmãs, a Quaresma é o tempo favorável para nos renovarmos, encontrando Cristo vivo na sua Palavra, nos Sacramentos e no próximo. O Senhor – que, nos quarenta dias passados no deserto, venceu as ciladas do Tentador – indica-nos o caminho a seguir.

Que o Espírito Santo nos guie na realização dum verdadeiro caminho de conversão, para redescobriremos o dom da Palavra de Deus, sermos purificados do pecado que nos cega e servirmos Cristo presente nos irmãos necessitados. Encorajo todos os fiéis a expressar esta renovação espiritual, inclusive participando nas Campanhas de Quaresma que muitos organismos eclesiais, em várias partes do mundo, promovem para fazer crescer a cultura do encontro na única família humana. Rezemos uns pelos outros para que, participando na vitória de Cristo, saibamos abrir as nossas portas ao frágil e ao pobre. Então poderemos viver e testemunhar em plenitude a alegria da Páscoa.

Fátima, sinal de esperança para o nosso tempo
CARTA PASTORAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA
NO CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA EM FÁTIMA (excertos)

Uma bênção para a Igreja e para o mundo

No meio de situações verdadeiramente dramáticas, quando muitos contemporâneos estavam dominados pela angústia e a incerteza, quando a força do mal e do pecado parecia impor o seu domínio, a Virgem Maria faz brilhar em todo o seu esplendor a vontade salvífica de Deus, uma bênção que revela a extensão da sua ternura a todas as criaturas. O seu convite à conversão, à oração e à penitência pretende desbloquear os obstáculos que impedem os seres humanos de experimentar uma bondade que procede de Deus e foi depositada no coração humano.

A Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa mãe, sai ao encontro dos seus filhos peregrinos a partir da glória da ressurreição de seu filho Jesus, para lhes oferecer consolação, estímulo e alento. (...)

Esta bênção estendeu-se ao mundo inteiro como mensagem de esperança e fonte de paz. O convite à oração e ao compromisso com a construção da paz sacudi as consciências no limiar de um século conflituoso e trágico. Quando a humanidade agonizava numa violência de alcance mundial, a Virgem de Fátima veio pedir a oração do Rosário pela paz, anunciando para breve o fim da guerra e pedindo a conversão dos homens para que não ocorresse outro conflito; (...).

Ainda hoje, quando vivemos, como diz o papa Francisco, uma «terceira guerra combatida em episódios», a mensagem de Fátima agita as nossas consciências para que reconheçamos a tarefa desta hora histórica: a tarefa de não nos deixarmos cair na indiferença diante de tanto sofrimento; de respeitarmos a memória de tantas vítimas inocentes; de não deixarmos que o nosso coração se torne

insensível ao mal tantas vezes banalizado. (...)

É particularmente significativa a atenção que em Fátima se dá aos mais frágeis e vulneráveis – as crianças, os doentes, os idosos, as pessoas com deficiência, os migrantes – que neste lugar e na sua proposta espiritual encontram hospitalidade, cuidado, rumo e energia. (...)

Uma Igreja com rosto mariano

A mensagem de Fátima inspira a Igreja a encontrar e a aprofundar os traços do seu rosto mariano. Acolhendo esta interpelação, a Igreja, sacramento universal da salvação, é levada a acolher com Maria e como ela a missão que procede de Deus, a seguir Jesus como discípula fiel e crente, a ser sensível às necessidades dos próximos e aos clamores dos distantes, a estar disposta a permanecer junto à cruz, a assumir o peso da incompreensão e da perseguição, a irradiar a glória e as primícias da ressurreição, a ser “hospital de campanha” que sai ao encontro dos feridos e não “alfândega” que fecha as portas. A Igreja, que encontra consolação e força no coração maternal de Maria, atuará, assim, como mãe dos batizados e oferecerá cuidado maternal aos que a veem de fora, qualquer que seja a distância a que se encontrem.

No trilho da imensa multidão dos peregrinos que desejam beber do Evangelho nas fontes de Fátima e se confiam ao cuidado materno da Senhora do Rosário, a Igreja rejubila com o dom do acontecimento de Fátima neste seu centenário.



Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei – Lisboa

Março

1	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
5	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
5	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
8	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
10 a 12	<i>Vale de Lobos</i>	CPM
18	<i>Casa da Palavra</i>	Peddy Paper – 10h
18	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade – 18h
19	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
21 a 23		Retiro Online – Quaresma
21	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
23	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
24 a 26	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
30	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)

Abril

2	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
2	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
5	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
6	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
8 a 12		Peregrinação de Jovens, Fátima
13 a 15	<i>Paróquia C. Grande</i>	Páscoa Fraterna
13 a 15	<i>Vale de Lobos</i>	Páscoa em Oração
18	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
19	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
22 a 24		Peregrinação de Adultos, Fátima
27	<i>Casa da Palavra</i>	Conselho Apostólico Representativo – 21h
28 a 1 Mai	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio (quatro dias)
29 a 30		Peregrinação de Casais, Fátima
30	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Maio

3	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
7	<i>Paróquia C. Grande</i>	Venda das Flores
7	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
10	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
11	<i>Casa da Palavra</i>	Serão de Revisões e Aprofundamentos – 21h
13	<i>Fátima</i>	Centenário das Aparições em Fátima
14	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
16	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
19 a 21	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
26 a 28	<i>Vale de Lobos</i>	CPM

Junho

3		Festa FaMVD Lisboa 40 anos
6 a 8		Retiro Online – Verão
7	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
11	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
20	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
21	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
24	<i>Vale de Lobos</i>	Assembleia da Comunidade – 10h
24	<i>Vale de Lobos</i>	Missa da Comunidade – 17h
25	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h

Julho

9	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
Julho e Agosto		Missão Madeira
29 a 5 Ago	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Semana

Agosto

19 a 26	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Semana
28 a 29	<i>Vale de Lobos</i>	Pré-campo de Trabalho
30 a 3 Set	<i>Vale de Lobos</i>	Campo de Trabalho

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38º 49' 15"; W 9º 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21

795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com